



**Além de discutirem a lei que aplica multas para quem joga lixo nas ruas, os alunos apontaram caminhos para se manter um ambiente mais limpo e saudável**



## Dez princípios para um bom professor

Vicente Martins\*

Apresentamos um decálogo contendo dez princípios para atividade docente de um bom professor do terceiro milênio, século marcado pela informação e pelo conhecimento tecnológico.

O professor do século XXI é aquele que, além da competência, habilidade interpessoal, equilíbrio emocional, tem a consciência de que mais importante do que o desenvolvimento cognitivo é o desenvolvimento humano e que o respeito às diferenças está acima de toda pedagogia.

A função do bom professor do século XXI não é apenas a de ensinar, mas de levar seus alunos ao reino da contemporaneidade do saber.

### Lista dos Princípios

1- Aprimorar o educando como pessoa humana. A nossa grande tarefa como professor ou educador não é a de instruir, mas a de educar nosso aluno como pessoa humana, como pessoa que vai trabalhar no mundo tecnológico, mas povoado de corações, de dores, incertezas e inquietações humanas. A escola não pode se limitar a educar pelo conhecimento destituído da compreensão do homem real, de carne e osso, de corpo e alma. De nada adianta o conhecimento bem ministrado em sala de aula, se fora da escola o aluno se torna um homem brutalizado, desumano e patrocinador da barbárie. Educamos pela vida como perspectiva de favorecer a felicidade e a paz entre os homens.

2- Preparar o educando para o exercício da cidadania. De um lado, primordialmente, devemos ter como grande finalidade do nosso magistério o ministério de fazer o bem às pessoas. Fazer o bem é preparar nosso aluno para o exercício exemplar e pleno da cidadania.

O cidadão não começa quando os pais registram seus filhos no cartório nem quando eles, aos dezoito anos, tiram sua carteira de identidade civil. A cidadania começa na escola, desde os primeiros anos da educação infantil e se estende à educação superior, nas universidades; começa com o fim do medo de perguntar, de inquirir o professor, de cogitar outras possibilidades do fazer, enfim, quando o aluno aprende a saber fazer, a construir o espaço de sua utopia e criar um clima de paz e bem-estar social, político e econômico no meio social.

3- Construir uma escola democrática. A gestão democrática é a palavra de ordem na administração das escolas. Os educadores que atuarão no novo milênio devem ter na

gestão democrática um princípio em que não arredam pé, não abrem mão. Quanto mais a escola for democrática, mais transparente. Quanto mais a escola é democrática, menos erra, tem mais acerto e possibilidade de atender com equidade as demandas sociais. Quanto mais exercitamos a gestão democrática nas escolas, mais nos preparamos para a gestão da sociedade política e civil organizada. Aqui, pois, reside uma possibilidade concreta: chegar à universidade e concluir um curso de educação superior e estar preparado para tarefas de gestão no governo do Estado, nas prefeituras municipais e nos órgãos governamentais. Quem exercita a democracia em pequenas unidades escolares, constrói um espaço próprio e competente para assumir responsabilidades maiores na estrutura do Estado. Portanto, quem chega à universidade não deve nunca descartar a possibilidade de inserção no meio político e poder exercitar a melhor política do mundo, a democracia.

4- Qualificar o educando para progredir no mundo do trabalho. Por mais que a escola qualifique seus recursos humanos, por mais que adquira o melhor do mundo tecnológico, por mais que atualize suas ações pedagógicas, sempre estará marcando passo frente às novas transformações cibernéticas, mas a escola, através de seus professores, poderá qualificar o educando para aprender a progredir no mundo do trabalho, o que equivale a dizer, a oferecer instrumentos para dar respostas, não acabadas ( porque a vida é processo inacabado) às novas demandas sociais, sem medo de perdas, sem medo de mudar, sem medo de se qualificar, sem medo do novo, principalmente o novo que vem nas novas ocupações e empregabilidade.

5- Fortalecer a solidariedade humana. É papel da escola favorecer a solidariedade, mas não a solidariedade de ocasião, que nasce de uma catástrofe, mas do laço recíproco e cotidiano e de amor entre as pessoas. A solidariedade que cabe à escola ensinar é a solidariedade que não nasce apenas das perdas materiais, mas que chega como adesão às causas maiores da vida, principalmente às referentes à existência humana. Enfim, é na solidariedade que a escola pode desenvolver, no aluno cidadão, o sentido de sua adesão às causas do ser e apego à vida de todos os seres vivos, aos interesses da coletividade e às responsabilidades de uma sociedade a todo instante transformada e desafiada pela modernidade.



**Conselho Editorial**  
Julio Cesar da Costa  
Ednaldo Carvalho Silva

**Jornalismo**  
Antônia Lúcia Figueiredo  
(M. T. RJ 22685JP)

**Colaboração**  
Sandra Martins, Marcela Figueiredo, Jéssica Almeida, Mairiz Silva e Leonardo Mega

**Fotografia**  
Marcelo Ávila

**Design Gráfico**  
Luiz Cláudio de Oliveira  
Marcel Schocair Costa

**Revisão**  
Sandro Gomes

**Periodicidade e tiragem**  
Bimestral – 69.000 (sessenta e nove mil)

**Impressão e distribuição**  
Gráfica Ediouro – Correios

**Professores, enviem seus projetos para a redação da Revista Appai Educar:**

**End.:** Rua Senador Dantas, 117/229  
2º andar – Centro – Rio de Janeiro/RJ.  
CEP: 20031-911

**E-mail:** [jornaleducar@appai.org.br](mailto:jornaleducar@appai.org.br)  
[redacao@appai.org.br](mailto:redacao@appai.org.br)

**Endereço Eletrônico:**

[www.appai.org.br](http://www.appai.org.br)

**Tel.:** (21) 3983-3200

\* Os conceitos e opiniões emitidos em artigos assinados são de inteira responsabilidade dos autores.

6- Fortalecer a tolerância recíproca. Um dos mais importantes princípios de quem ensina e trabalha com crianças, jovens e adultos é o da tolerância, sem o qual todo magistério perde o sentido de ministério, de adesão aos processos de formação do educando. A tolerância começa na aceitação, sem reserva, das diferenças humanas, expressas na cor, no cheiro, no falar e no jeito de ser de cada educando. Só a tolerância é capaz de fazer o educador admitir modos de pensar, de agir e de sentir que seja diferente dos de um indivíduo ou de grupos determinados, políticos ou religiosos.

**7- Zelar** pela aprendizagem dos alunos. Muitos de nós professores, principalmente os do magistério da educação escolar, acreditam que o importante, em sala de aula, é o instruir bem, o que pode ser traduzido, ter domínio de conhecimento da matéria que ministra durante a aula. No entanto, o domínio de conhecimento não deve estar dissociado da capacidade de ensinar, de fazer aprender. De que adianta ter conhecimento e não saber, de forma autônoma e crítica, aplicar as informações? O conhecimento não se faz apenas com metalinguagem, com conceitos a, b ou c, e sim, com didática, com pedagogia do desenvolvimento do ser humano, sua mediação fundamental. O zelo pela aprendizagem passa pela recuperação daqueles que têm dificuldade de assimilar informações, sejam por limitações pessoais ou sociais. Daí, a necessidade de uma educação dialógica, marcada pela troca de ideias e opiniões, de uma conversa colaborativa em que não se cogita o insucesso do aluno. Se o aluno fracassa, a escola também fracassou. A escola deve riscar do dicionário a palavra FRACASSO. Quando o aluno sofre com o insucesso, também fracassa o professor. A ordem, pois, é fazer sempre progredir, dedicar-se mais do que as horas oficialmente destinadas ao trabalho e reconhecer que nosso magistério é missão, às vezes árdua, mas prazerosa, às vezes sem recompensa financeira condigna que merecemos, mas que pouco a pouco vamos construindo a consciência na sociedade, principalmente a política, de que a educação, se não é panacéia, é o caminho mais seguro para reverter as situações mais inquietantes e vexatórias da vida social.

**8- Colaborar** com a articulação da escola com a família. O professor do novo milênio deve ter em mente que o profissional de ensino não é mais o pedestal, dono da verdade, representante de todos os saberes, capaz de dar respostas para tudo. Articular-se com as famílias é a primeira missão dos docentes, inclusive para contornar situações desafiadoras em sala de aula. Quanto mais conhecemos a família dos nossos alunos, mais os entendemos e mais os amamos. Uma criança amada é disciplinada. Os pais, são, portanto, coadjuvantes do processo ensino-aprendizagem, sem os quais nossa ensinância fica coxa, não vai adiante, não educa. A sala de aula não é sala de estar do nosso

lar, mas nada impede que os pais possam ajudar nos desafios da pedagogia dos docentes, nem inoportuno é que os professores se aproximam dos lares para conhecerem de perto a realidade dos seus alunos e possam juntos, pais e professores, fazer a aliança de uma pedagogia de conhecimento mútuo, compartilhado e mais solidário.

**9- Participar** ativamente da proposta pedagógica da escola. A proposta pedagógica não deve ser exclusividade dos diretores da escola. Cabe ao professor participar do processo de elaboração da proposta pedagógica da escola até mesmo para definir de forma clara os grandes objetivos da escola para seus educandos. Um professor que não participa, se trumbica, se perde na solidão de suas aulas e não tem como pensar-se como ser participante de um processo maior, holístico e globalizado. O mundo globalizado para o professor começa por sentir-se parte no seu chão das decisões da escola, da sua organização administrativa e pedagógica.

**10- Respeitar** as diferenças. Se de um lado, devemos levantar a bandeira da tolerância, como um dos princípios do ensino, o respeito às diferenças conjuga-se com esse princípio, de modo a favorecer a unidade na diversidade, a semelhança na dessemelhança. Decerto, o respeito às diferenças de linguagem, às variedades linguísticas e culturais, é a grande tarefa dos educadores do novo milênio. O respeito às diferenças não tem sido uma prática no nosso cotidiano, mas, depois de cinco séculos de civilização tropical, descobrimos que a igualdade passa pelo respeito às diferenças ideológicas, às concepções plurais de vida, de pedagogia, às formas de agir e de ser feliz dos gêneros humanos. O educador, pois, deve ter a preocupação de que é preciso reeducar-se de forma contínua uma vez que nossa sociedade ainda traz no seu tecido social as teorias da homogeneidade para as realizações humanas, teoria que, depois de 500 anos, conseguiu apenas reforçar as desigualdades sociais. Nossa missão, é dizer que podemos amar, viver e ser felizes com as diferenças, pois, nelas, encontraremos nossas semelhanças históricas e ancestrais: é, dessa maneira, a nossa forma de dizer ao mundo que as diferenças nunca diminuem, e sim, somam valores e multiplicam os gestos de fraternidade e paz entre os homens.

Pela manhã, o bom religioso, abre o livro sagrado e reflete sobre o bem e o mal.

Por um feliz amanhã, o bom professor abre a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) e aprende a conciliar o conhecimento e a humanidade.

---

**\*Vicente Martins** é Mestre em Educação e Doutor em Linguística pela UFC. Professor de Linguística da UVA, em Sobral.





## As lições da Finlândia para o Brasil

Daniel Cara\*

Enquanto a Campanha Nacional pelo Direito à Educação realiza, em parceria com a Faculdade de Educação da USP (Universidade de São Paulo), o importante seminário "Nem herói, nem culpado. Professor tem que ser valorizado", a diretora do Ministério da Educação da Finlândia, Jaana Palojärvi, visita o Brasil. Como não poderia ser diferente, a presença da gestora finlandesa por aqui tem causado certo frisson. Seu país, no curso dos últimos anos, tem sido a principal referência no PISA (Programme for International Student Assessment ou Programa Internacional de Avaliação de Estudantes), da OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico). E, diante disso, ninguém resiste à pergunta: qual é o segredo da Finlândia?

Segundo Jaana Palojärvi, o sucesso finlandês no PISA não tem nada a ver com métodos pedagógicos revolucionários, uso da tecnologia em sala de aula ou exames gigantescos como Prova Brasil, Enem ou Enade. Pelo contrário: a Finlândia dispensa as provas nacionais e aposta na valorização do professor e na liberdade para ele poder trabalhar.

Adicionalmente, segundo matéria do portal G1, na Finlândia a educação é gratuita, inclusive no ensino superior. A jornada, de 4 a 7 horas, é relativamente curta para os padrões europeus. E os alunos não têm muita lição de casa. "Também temos menos dias letivos que os demais países, acreditamos que quantidade não é qualidade", diz Jaana.

A gestora educacional considera que duas reformas foram responsáveis pela melhoria da educação finlandesa: uma na década de 1970 e outra nos anos 1990. Na década de 1970 a educação ganhou centralidade na agenda pública nacional. Já a partir do início da década de 1990, o sistema educacional foi descentralizado. Os municípios, escolas e, principalmente, os professores passaram a ter mais autonomia, recebendo condições adequadas de trabalho.

"Fé e confiança têm papel fundamental no sistema finlandês. Descentralizamos, confiamos e damos apoio, assim que o sistema funciona. O controle não motiva o professor a dar o melhor de si. É simples,

somos pragmáticos, gostamos de coisas simples."

Em outras palavras, sistemas apostilados, que mediorizam o trabalho do professor, não cabem na Finlândia. Bem como programas de remuneração por mérito, tão defendidos pelo Brasil afora. Atenção economistas de plantão: Ideb (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) na porta da escola na Finlândia? Jamais!

Obviamente, é impossível implantar o modelo finlandês por aqui. Brasil e Finlândia são países completamente diferentes. Mas, sem dúvida, a ex-colônia russa pode servir como exemplo em termos de trabalho pedagógico. E em remuneração dos professores.

Ao ler as matérias publicadas na imprensa nacional sobre a visita de Jaana Palojärvi ao Brasil fui surpreendido por uma curiosa notícia: para ela, o segredo do sucesso não está ligado ao financiamento da educação.

A Finlândia investe um patamar próximo a 6% de seu PIB em educação pública. "O sistema de educação gratuito não sai tão caro assim, é uma questão de organização", afirma Jaana. Mas quanto ganha o professor por lá? Em média, cerca de R\$ 8 mil!

Seria justo, seria ótimo... Contudo, nem com um investimento público em educação pública equivalente a 10% de seu PIB (Produto Interno Bruto), o Brasil conseguirá remunerar com R\$ 8 mil reais, na média, seus profissionais do magistério. Na melhor das hipóteses, alcançado esse patamar, daqui a 10 anos, nosso país pode conquistar uma média de remuneração docente entre R\$ 3 mil e R\$ 4,5 mil reais. Ainda assim, para tanto, precisa ser aprovado e implementado, urgentemente, um novo e bom PNE (Plano Nacional de Educação).

Portanto, tal como propõe a Campanha Nacional pelo Direito à Educação, a melhor alternativa de ação é perseverarmos na luta por um "PNE pra Valer!". Se não podemos ser a Finlândia, que o Brasil dê um passo decisivo e decidido rumo à educação pública de qualidade.

---

\***Daniel Cara** é Mestre em Ciência Política pela Universidade de São Paulo (USP) e coordenador geral da Campanha Nacional pelo Direito à Educação





# Fim do Ciclo

A secretária municipal de Educação do Rio de Janeiro, Cláudia Costin, deixa o cargo. Foram cinco anos de uma gestão que suscitou polêmica e cujos resultados ainda não podem ser avaliados com segurança.

Sem bagagem na área de Educação, Cláudia Costin buscou, através da criação de um currículo único e avaliações sistemáticas, tirar do fundo do poço a gigantesca rede de ensino público carioca – a maior do Brasil: pouco mais de mil escolas e 700 mil alunos apenas no Ensino Fundamental, abrindo as salas de aulas para experiências desenvolvidas por instituições privadas, com o objetivo de acabar com a defasagem série/idade e de alfabetizar a criançada até o terceiro ano. Estabeleceu metas e premiação por desempenho, reduziu a defasagem de professores e pessoal administrativo com concursos públicos e deslançou um programa de construção de espaços de educação infantil.

Independente da avaliação acadêmica da gestão que se encerra algum avanço no primeiro segmento e estagnação no segundo segmento um importante programa, desenvolvido pelo Tribunal de Contas do Município (TCM), brinda os cidadãos com informações objetivas sobre como a Prefeitura cuidou de suas escolas, alunos, professores e pais nestes cinco anos em que a propaganda oficial fala de uma revolução na educação carioca.

O Programa de Visitas às escolas está disponível no *site* do TCM. Desde 2008, técnicos do Tribunal dedicam-se ao monitoramento das escolas da 6ª a 9ª séries, levantando as condições físicas, o quantitativo de recursos humanos e entrevistando diretores, professores, alunos e pais.

Já é possível, portanto, chegar à conclusão sobre perdas e ganhos dos últimos anos. É o que, resumidamente, coloco à disposição de vocês.

► Em 2008 havia 48.5% de escolas em boas condições físicas; em 2012 esse percentual caiu para 15%;

► Em 2008 havia 14.4% de escolas em condições precárias; em 2012 o percentual subiu para 25,64%;

► Em 2008, havia 76% de escolas com quadra esportiva; em 2012 o número subiu para 85%;

► Em 2008, 11% das quadras existentes estavam em situação precária; em 2012 são 37% nessa situação;

► Em 2008, 71% das quadras estavam em boas condições; em 2012 apenas 36%;

► Em 2008, 65% das escolas tinham laboratório de informática; em 2012 o número subiu para 85%;

► Em 2008, 60% dos alunos diziam que não usavam o laboratório de informática; em 2012, 69% dos alunos disseram não ter acesso à Informática;

► Em 2006, a merenda escolar custou cerca de R\$ 56 milhões; em 2012 gastaram-se cerca de R\$ 100 milhões, mas o percentual dos alunos que fazem a refeição permaneceu muito baixo, variando de 50 a 51%; em 16% das escolas, não ultrapassa 35%;

► 54% dos pais preferem que seus filhos comam em casa; são pais que ganham entre um e dois salários mínimos. 2.2% preferem a refeição na escola; esses ganham cinco salários mínimos;

► 95% dos pais, em 2012, achavam que deveriam participar mais da vida da escola, percentual que vem aumentando todo ano;

► Apesar do concurso em 2011 para agente educador, em 2012 67% das escolas achavam que ainda não havia número suficiente;

► Em 2012 havia déficit de 12.265 professores, sendo 6.275 do 6º ao 9º ano (Professor 1); em consequência, 56% das escolas do segundo segmento tinha tempo de aula sem professor. Com o concurso em 2011, o percentual destas escolas sem tempo de aula baixou para 39%. Mas 93% dos professores ainda têm dupla regência;

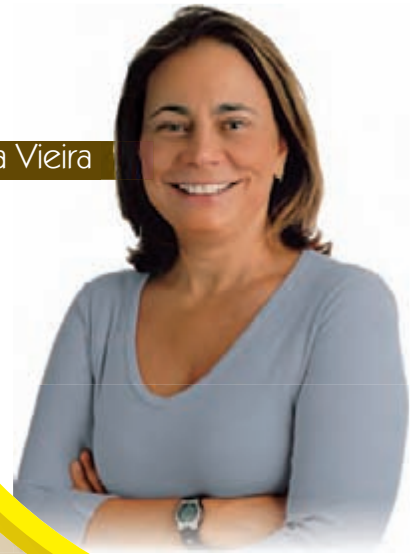
► Matemática e Artes são as disciplinas com maior déficit de professores;

► Excesso de alunos em sala de aula, salas não ventiladas e instalações precárias ou inadequadas foram apontadas por professores como os maiores problemas da rede;

► Comunicação da Secretaria com professores sobre cursos de reciclagem e orientação pedagógica foi tida por 31% como não existente ou precária, enquanto 52% consideraram razoável e 16% eficiente;

► Para professores, pais e alunos,

Andrea Gouvêa Vieira



a segurança nas escolas melhorou, variando de 46% a 58%;

► Em 2008 a insatisfação dos professores com o sistema de avaliação era de 81% (aprovação automática); em 2012 o percentual é de novo o mesmo: 81%.

Sobre esses resultados, o TCM ressaltou que durante quatro anos alertou sistematicamente a Secretaria de Educação para a adoção de medidas corretivas.

É importante que se saiba também a quanto andamos na tarefa de atender à Educação Infantil, nas modalidades creche e pré-escola. Segundo o censo do IBGE de 2010, existem no Rio cerca de 269.500 crianças de 0 a 3 anos, e 226.300 de 4 a 6 anos. Entre vagas em creches públicas e conveniadas, temos, no Rio, cerca de 85 mil matrículas e, na pré-escolar, cerca de 133 mil. Como se vê, ainda há muito o que fazer para universalizar a Educação Infantil.

A média de aulas/hora/dia é também preocupante, à exceção das creches: creche 8.3, pré-escola 5.1, e ensino fundamental 4.7. Lei aprovada em 2010 determina que em 10 anos todo o ensino público municipal seja em tempo integral, de no mínimo 7 horas.

A secretária deixa o cargo sem nos informar como isso será feito. Também deixa, tal como recebeu, um desvio anual de cerca de R\$ 700 milhões que deveriam ser aplicados nas salas de aulas e nos professores. Essencial para a construção das escolas para tempo integral e na manutenção, tão precária, como vimos nos números, da rede atual.

**Andrea Gouvêa Vieira**

Jornalista, ex-vereadora do Rio de Janeiro



# Museu Casa do Pontal

**D**esde sua chegada ao Brasil, o francês Jacques Van de Beuque encantou-se pelos objetos feitos pelas pessoas simples, do povo. Começou a viajar e adquirir obras, entrevistar artistas, visitar vilas e povoados. O resultado de quarenta anos de pesquisas e viagens reuniu, no Museu Casa do Pontal, cerca de 8.000 peças de 200 artistas brasileiros, produzidas a partir do século XX.

O Museu é considerado o maior e mais significativo em arte popular do país e está instalado em um sítio de 12.000 m<sup>2</sup>. A exposição permanente reúne, em 1.500 m<sup>2</sup> de galerias, obras representativas das variadas culturas rurais e urbanas do Brasil. Mostradas tematicamente, abrangem as atividades cotidianas, festivas, imaginárias e religiosas. Seus amplos jardins foram especialmente desenhados para promover uma perfeita integração entre a vegetação, as galerias do museu e a reserva ecológica que se estende ao redor.

O museu funciona de terça a sexta, de 9:30 às 17:00. Sábados, domingos e feriados, de 10:30 às 18:00. Na exposição permanente o ingresso custa R\$ 10,00 para adultos e idosos estrangeiros; R\$ 5,00 para estudantes e idosos brasileiros; e crianças de até 6 anos não pagam. A entrada também é gratuita para brasileiros todas as terças-feiras do ano de 2014.

Já na exposição temporária, a entrada é R\$ 4,00 para adultos e idosos estrangeiros; R\$ 2,00 para estudantes e idosos brasileiros e gratuita para crianças de até 6 anos. A compra do ingresso pode ser feita no local ou pelo [site www.ingressocomdesconto.com.br](http://www.ingressocomdesconto.com.br). A entrada para a exposição permanente dá direito à visita, sem custo adicional, à exposição temporária.

Museu Casa do Pontal  
Estrada do Pontal, 3.295 – Recreio dos Bandeirantes –  
Rio de Janeiro/RJ  
CEP: 22790-877  
Tel.: (21) 2490-2429  
E-mail: [faleconosco@museucasadopontal.com.br](mailto:faleconosco@museucasadopontal.com.br)

Colaboração: Jéssica Almeida



O museu oferece aos seus visitantes um espaço amplo e aconchegante. Suas galerias e jardins promovem essa interação entre a arquitetura do local e a natureza



# NOVO

## POLO DE TREINAMENTO CAMINHADAS E CORRIDAS (Engenhão)



Acompanhe a   
nas **Redes Sociais.**

acesse nossos perfis.. :)



## Retirada do Convite

### 24° Grande Baile



Solicitação

19/05  
a 31/05

Retirada

Até  
03/06





5

alunos do  
primeiro  
grande  
curso *on-line*  
da América  
Latina  
passaram

ENTRE

15.000

I N S C R I T O S

Será que esse tipo de educação funciona?

**W**illiam Palmieri, Guilherme Amaral, Gabriel Aguado, Bruno Araújo dos Santos e Artur André não são gênios. Mas foram os únicos, dentre 15 mil estudantes, a passar na prova final e receber o certificado de uma disciplina da USP em fevereiro. Não era seleção para astronauta, e sim aulas de física básica no primeiro curso aberto e massivo *on-line* (Mooc, na sigla em inglês) conduzido por uma universidade da América Latina. A taxa de aprovação baixíssima da iniciativa brasileira, no entanto, está longe de ser ponto fora da curva. Uma série de levantamentos recentes aponta que apenas 5% dos alunos conseguem certificado nessa modalidade de ensino, o que levanta uma questão importante. Será que esse tipo de curso, tão alardeado como jeito revolucionário de democratizar a educação, funciona?

No caso da iniciativa brasileira, houve problemas específicos. A prova final tinha de ser feita em uma única data e na capital paulista, o que afastou os estudantes: apenas dez deles apareceram para a avaliação. Só que isso não é justificativa para que, antes da prova, apenas 10% dos estudantes tenha chegado ao fim das aulas.

Para os alunos que receberam certificados, não foi a dificuldade que deixou os colegas pelo caminho. Para o professor, tampouco foi o conteúdo. “Acredito que as aulas até ficaram melhores do que as presenciais. Dei mais detalhes, curiosidades, pensei em despertar o interesse de mais gente”, diz Vanderlei Bagnato, responsável pelo curso. O motivo da evasão é uma incógnita não apenas para a USP, mas para a imensa maioria das universidades mundiais envolvidas com os Moocs. Especialistas começam agora a sugerir que o problema pode estar no próprio formato.

## NEM REVOLUÇÃO. NEM FRACASSO

As primeiras experiências com Moocs começaram há seis anos, mas se popularizaram em 2012, quando cursos de várias das melhores universidades do mundo, como Stanford, MIT e Harvard, entraram em grandes plataformas *on-line*. Seguiu-se um otimismo generalizado com a possibilidade de levar o melhor ensino do mundo para todos os países e classes sociais.

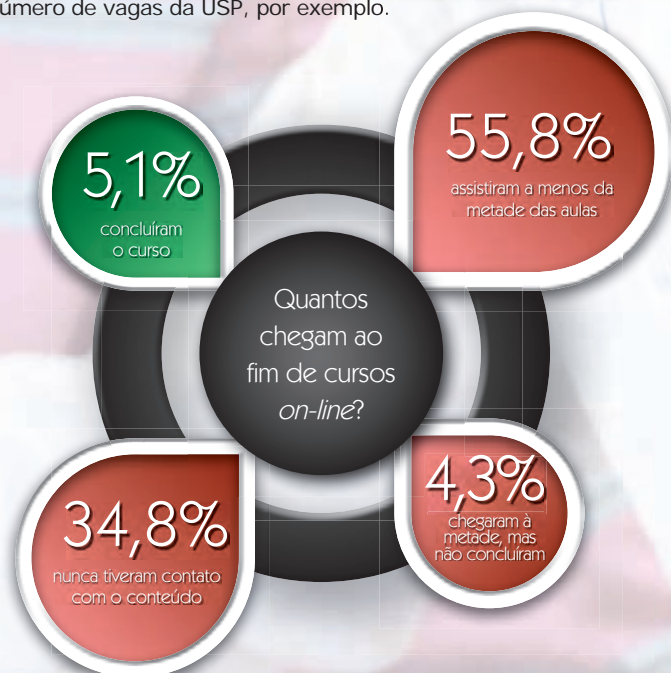
O jornal *The New York Times* decretou que 2012 era o “ano dos Moocs” e um dos seus principais colunistas, Thomas Friedman, disse que “nada tem mais potencial do que eles para tirar pessoas da pobreza”. O especialista em Educação David Wiley previu que as universidades físicas ficariam irrelevantes já em 2020. Para Sebastian Thrun, pioneiro dos Moocs e fundador da plataforma *Udacity*, sobrariam apenas dez faculdades; o resto das aulas seria *on-line*.

Assim que os primeiros dados sobre esse tipo de educação começaram a aparecer, entretanto, o otimismo desceu do que a consultoria Gartner chamou em julho de 2013 de “pico de expectativas infladas”.

Primeiro, um estudo da Universidade da Pensilvânia, de dezembro de 2013, constatou que, em 32 cursos da plataforma *Coursera* (uma das maiores), apenas 4% saíram aprovados. O número foi bem parecido (5%) quando, no mês seguinte, pesquisadores de Harvard e do MIT analisaram a plataforma conjunta das universidades, a edX. Esse estudo trouxe um número ainda mais preocupante: 91% dos alunos sequer tinham visto metade do conteúdo das aulas (veja no gráfico abaixo).

Resultados como esse fizeram Sebastian Thrun – o da previsão de que restariam dez faculdades – reverter a empolgação e dizer à revista *Fast Company* que os Moocs são “um produto inferior”. O dono da *Udacity* é o professor mais reconhecido dessa área – o que fez sua declaração cair como uma bomba. A partir da constatação, ele decidiu desviar o foco da sua empresa para cursos voltados a instituições privadas.

Dados negativos como esse não mudam a opinião de Carlos Souza, CEO e cofundador do *Veduca* (a plataforma *on-line* da USP) de que a primeira iniciativa brasileira representa uma vitória. “Milhares aprenderam, alguns fizeram a prova, outros passaram. Isso vai ao encontro do objetivo de democratizar a educação”, afirma. O raciocínio vale também para as desanimadoras estatísticas internacionais. Colocados em perspectiva, os 4% de aprovados no *Coursera* correspondem a 16 mil estudantes, e os 5% da edX são 43 mil pessoas, quatro vezes o número de vagas da USP, por exemplo.



Fonte: Estudo HarvardX and MTX:  
The First year of open online courses



# Como chegar ao fim de um Mooc

Especialistas dão dicas sobre como escapar do destino da maioria dos estudantes e concluir um curso *on-line*

## ESCOLHA TEMAS DE SEU INTERESSE

É mais provável que você termine um curso cujo assunto tenha aplicação direta em sua profissão ou em seus estudos.

## COMECE CEDO

Pesquisa da Universidade de Stanford mostra que os estudantes que entram no curso mais tarde costumam chegar menos ao final das aulas.

## ORGANIZE-SE

Nas aulas da USP, os alunos aprovados afirmam que sempre separavam algumas horas por dia para o curso, o que os ajudou a continuar.

## TIRE DÚVIDAS

A mesma pesquisa da Universidade de Stanford indica que os que participam menos nos fóruns de dúvidas são os que menos terminam o programa.

## USE APPS

O MooCs4U (para IOS e Android) ajuda a encontrar Moocs. Já o GroupMOOC (IOS), a organizar suas tarefas, prazos e participação em fóruns.

Fontes: Romero Tori, especialista em Educação da USP; estudo *Turn on, Turn in, Drop out: Anticipating students dropouts in Massive Open Online Courses (Stanford)*; Phill Hill, consultor de tecnologia educacional; Vanderlei Bagnato, professor dos Moocs da USP; e David Blake, cofundador da rede social especializada em Educação *degreed.com*

Olhando dessa forma, o resultado não parece ter sido tão ruim assim. É exatamente por isso que o presidente da edX, Anant Agarwal, reclama de uma comparação injusta. “Enquanto as universidades têm um processo seletivo árduo, qualquer um pode se inscrever em um curso *on-line* por impulso, com apenas um clique”, afirma. O professor argumenta que nos cursos *on-line*, além dos alunos que tentam obter o certificado, há aqueles que querem assistir apenas a uma aula, para tirar uma dúvida, e os curiosos sobre o funcionamento da plataforma.

Dá para ilustrar esse fenômeno dividindo os inscritos nas aulas em quatro categorias, como fez o analista educacional Phil Hill. Segundo ele, a maioria são *lurkers* (ou “espreitadores”), que sequer acessam o conteúdo antes de desistir, e *drop-ins* (aqueles que estão “de passagem”), que assistem a uma ou duas. Os participantes passivos, que acompanham aulas e fazem exercícios mas não discutem em fóruns, e os participantes ativos, que interagem com colegas e professores, são os grupos mais raros.

dificuldades e terminar o curso *on-line* é justamente o que menos precisa dele, onde está a “democratização do Ensino” prometida pelos Moocs?

Antes de se resignar e decidir mudar de rumos, Sebastian Thrun, o fundador do *Udacity*, tentou reverter essa “elitização” criando alternativas mais inclusivas. Em 2012, ofereceu um Mooc experimental, de matemática básica, para estudantes de baixa renda que corriam risco de levar bomba no Ensino Médio e na universidade.

## DEMOCRATIZAÇÃO?


O *Veduca* e várias plataformas mundiais fizeram levantamentos para entender melhor esse grupo de participantes ativos – o que chega ao fim das aulas e consegue os certificados. Os dados apontam que de 60 a 80% deles são estudantes que já têm diploma universitário, o que levanta mais uma importante questão. Se o público que consegue passar pelas

Do grupo de alunos ativos, os que mais completam curso, de

60% a 80%

já têm diploma, o que depõe contra a intenção de democratizar o acesso às aulas

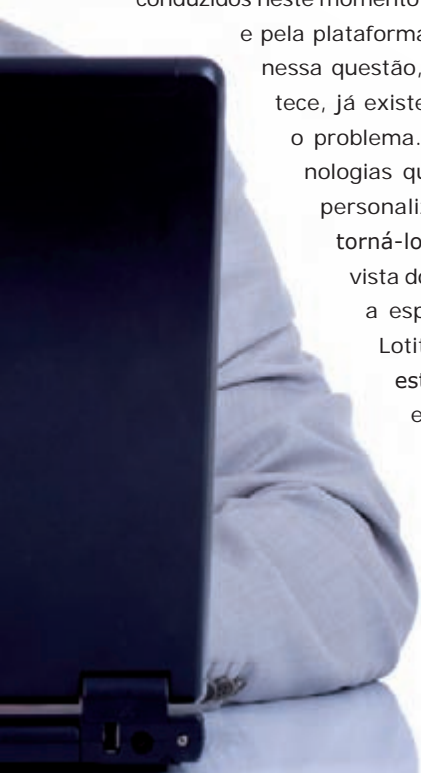




O curso custava US\$ 150, um terço da versão presencial e tinha acompanhamento personalizado. Além disso, os participantes acumulavam créditos na escola graças a uma parceria com o governo da Califórnia. Foi um fracasso: apenas um em cada quatro alunos *on-line* escapou da reprovação. Em comparação, metade daqueles que tiveram acesso a aulas de reforço presenciais conseguiram passar.

Carlos Souza, do *Veduca*, diz que não é uma questão de o curso *on-line* substituir o tradicional, como no experimento do *Udacity*, mas de complementá-lo. “O curso presencial, obviamente, tem uma profundidade muito maior. O contato do professor com o aluno facilita muita coisa”, admite. Para Jason Lodge, especialista em aprendizado da Universidade de Griffith, os problemas estão no formato dos Moocs. “Assistir a alguns vídeos e responder a algumas perguntas de múltipla escolha não pode ser considerado pedagogia de última geração”, escreve em artigo recente na revista *E-campus News*. O especialista acrescenta que o objetivo da educação superior é transformar o jeito de pensar. “Tentar acelerar e baratear esse processo muda também o resultado”.

## RECUPERAÇÃO



Ainda faltam dados para entender melhor o que leva as pessoas a largarem os cursos. Estudos que estão sendo conduzidos neste momento pela Universidade de Pensilvânia e pela plataforma edX pretendem aprofundar-se nessa questão, mas, enquanto isso não acontece, já existem iniciativas tentando resolver o problema. “Há um investimento em tecnologias que permitem maior interação e personalização nesses cursos, que vão torná-los mais eficientes do ponto de vista do ensino e da aprendizagem”, diz a especialista em *e-learning* Denise Lotito, para quem os Moocs ainda estão na sua primeira fase. Como exemplo dessas tecnologias, ela cita laboratórios virtuais para a realização de experimentos de forma remota.

Um deles é o Phet Interactive Simulations, mantido pela Universidade do Colorado, que já tem em seu acervo experiências nas

áreas de Física, Química, Biologia e Matemática – algumas traduzidas para o português. Numa atividade de Física, por exemplo, a plataforma permite que o aluno selecione diferentes pesos e analise como sua escolha altera a forma de uma mola por meio de simulações.

Nessa linha, a *Google* lançou recentemente o *Oppia*, uma ferramenta aberta, voltada aos professores. Nela, é possível criar provas, programar experiências e reproduzi-las *on-line* em qualquer lugar do mundo. E, em território nacional, o *Veduca* também promete modificar o formato dos seus Moocs para que eles tenham mais projetos em grupo, além de encorajar a interação entre alunos por meio de uma ferramenta similar a um fórum, que deve estreitar no segundo semestre.

Isso vai afetar a taxa de desistência dos cursos abertos *on-line*? O especialista Phil Hill diz acreditar que sim. “Os Moocs já estão evoluindo, daqui a alguns anos não teremos apenas os vídeos. Eles serão oferecidos e consumidos de outra maneira. E, como estamos passando da fase *hype*, menos pessoas vão se inscrever só para conhecer essa novidade”.

Fonte: Revista Galileu – Abril de 2014



# Consciência Negra: Mais que um dia



*O trabalho com o tema valorizou a cultura africana, elevou a autoestima dos alunos, além de desmistificar assuntos desconhecidos por eles*

“**D**evemos mudar essa ideia preconceituosa, racista e pensarmos mais em nossos semelhantes e tratá-los da maneira que queremos que nos tratem”, afirmou a aluna Paola de Souza, da Turma 3001, que participou do projeto Consciência Negra: Mais que um dia desenvolvido pelo Colégio Estadual Professor Fonseca, em Araruama. Segundo a Orientadora Educacional, Renata Pires de Mendonça, a escolha do tema para ser desenvolvido no 2º semestre se deu principalmente pelo fato da comunidade escolar ser composta em sua maioria por negros e afrodescendentes. “Contudo, muitos deles desconhecem a sua própria cultura e conseqüentemente, sua importância para a sociedade. O trabalho com o tema valorizou a cultura africana, elevou a autoestima dos alunos, além de desmistificar assuntos desconhecidos por eles”, completa.

Segundo a orientadora, o projeto foi uma sugestão do professor Adalberto Martins, pois para ele é necessário ter a consciência da importância do negro por mais de um dia, não somente no dia 20 de novembro, como é de costu-





O projeto envolveu diversas disciplinas, onde os alunos participaram de atividades relacionadas à cultura africana, como a capoeira

Em Artes, os estudantes desenvolveram técnicas artísticas com símbolos e imagens africanas



me ser lembrado. “O que realmente desejamos é a construção de uma sociedade alicerçada na ética, na justiça, na liberdade, uma sociedade mais humana. Desde o início de nossa história os negros são tratados com inferioridade, sem direito e relegados a uma vida indigna e desumana. Ainda hoje, os povos negros têm dificuldade em mostrar o seu valor, de serem sujeitos históricos de suas realidades na arte, na cultura, na mídia, na política e na sociedade. Apesar da discriminação, da exclusão existem expressões forte da cultura afro, que resistem e persiste no seio das manifestações sociais do Brasil”, afirma.

A agente de leitura Célia Pepicon coordenou o projeto com os professores das áreas humanas, principalmente os professores de língua portuguesa e literatura, os quais ficaram responsáveis em desenvolver estratégias de incentivo à leitura. Nesse percurso, o professor de língua portuguesa Adalberto Martins idealizou propostas de acordo com as leis 10.639/03 e 11.645/11 com o objetivo de levar toda a comunidade escolar a reflexões sobre as relações étnico raciais presentes na sociedade brasileira.

O projeto, que contou com a participação de todas as turmas do Ensino médio dos três turnos, abordou as disciplinas de História, Sociologia, Educação Física, Literatura, Língua Portuguesa, Artes e Biologia. Em história, os alunos puderam debater sobre as cotas raciais e o ser negro no século XIX e XXI. Já em Educação Física, trabalharam com a expressão corporal através de danças como parte da história do negro no Brasil. Em Sociologia, fizeram uma reflexão sobre a história e cultura africana e afro-brasileira na formação sócio cultural do Brasil. Em Literatura, os alunos aprenderam sobre os representantes negros na literatura brasileira. Em Língua Portuguesa, exploraram a poesia em vários aspectos: escritas e imagéticas e apresentação teatral: “Exu no banco dos réus”. Em artes, os alunos tiveram a vivência dos valores através apropriação da arte e da cultura através de várias técnicas artísticas com símbolos e imagens africanas. E por fim, em Biologia, fizeram pesquisas de ervas medicinais, conhecimentos utilizados pelos negros para a cura e tratamento de algumas doenças que afetam o corpo humano.

De acordo com orientadora educacional, foram desenvolvidas diversas atividades como: apresentação de capoeira, dança, contação de história, debates, palestras, declamação





Em Educação Física, trabalharam com a expressão corporal através de danças

de contos e poemas africanos, jogral, exibição de vídeos e filmes, dramatização e desfile da beleza negra. Os trabalhos foram realizados pelos alunos em sala de aula sob a orientação dos professores e no dia da culminância foram expostos e apresentados para comunidade escolar. Os professores estiveram presentes para avaliar através da ficha de avaliação que continha os seguintes quesitos: organização, apresentação, postura dos componentes do grupo, pesquisa, recursos utilizados e participação. A orientadora conta que os alunos gostaram muito de participar. “Esse projeto proporcionou muitas coisas boas, devido ao grande problema de racismo nas escolas”, conta o aluno Felipe Figueiredo, da turma 2001.

Segundo Renata, a iniciativa conseguiu atingir os resultados esperados. “O projeto foi muito proveitoso, pois aprendi a respeitar ainda mais as diferenças raciais e nos conscientizar que cor não define caráter, personalidade e muito menos uma boa índole, características essenciais para cada um de nós”, afirma o aluno Gabriel Fonseca, da turma 3001. A aluna Débora Fortunato, também da turma

3001, completa afirmando que o projeto deu diferentes visões sobre o valor que “nós negros temos, mesmo que muitos não queiram ver isso na sociedade. O debate com a estudante de Pedagogia me estimulou muito e abriu novas portas e horizontes para mim que sou negra. Eu dou muito valor a minha raça, pois é ela que me dá dignidade”.

Colaboração: Jéssica Almeida

Colégio Estadual Professor Fonseca  
Estrada de Morro Grande – Morro Grande –  
Aruama/RJ  
CEP: 28970-000  
Tel.: (21) 2665-6428  
E-mail: ceproffonseca@yahoo.com.br  
Orientadora Educacional: Renata Pires de  
Mendonça  
Fotos cedidas pela escola



# Das Cavalaria às Caravelas

“Das cavalaria às caravelas: as mudanças e as manifestações literárias e artísticas da Era Medieval e Clássica”, esse foi o tema do projeto idealizado pelo professor de Língua Portuguesa e Literatura João Paulo, do Ciep 201 Aarão Steinbruch, localizado em Duque de Caxias. O docente conta que escolheu trabalhar com esse tema porque queria despertar nos alunos o interesse e a vontade de conhecer cada vez mais as mudanças ocorridas no âmbito cultural e científico presentes nas duas épocas. “Tive como base teórica o livro ‘Linguagens – 1º ano’, de Willian Cereja”, completa.

A ideia surgiu no primeiro semestre, como mostra literária com o intuito de estimular nos alunos do primeiro ano do Ensino Médio a vontade de conhecer as mudanças culturais e científicas ocorridas nas eras Medieval e Clássica. O professor explica que também queria despertar nos alunos o desejo de aprender, o trabalho em equipe, as pesquisas e as apresentações dos trabalhos. “Achei tudo extraordinário, pois pude compreender as mudanças que ocorreram durante a transição da Era Medieval para a Clássica”, afirma o aluno Igor Dias.

Segundo João, os alunos buscaram as informações em *sites*, livros, enciclopédias, entre outros. A partir daí, realizaram trabalhos feitos em cartolinas e papel pardo, relacionados aos conteúdos aprendidos em sala de aula. “Adorei participar do projeto, pois pude pesquisar, aprofundar e conhecer as obras literárias e artísticas das duas épocas”, conta a aluna Jennifer de Oliveira. Para aproximar o conteúdo com assuntos mais atuais, foram trabalhadas músicas de Legião Urbana, Caetano Veloso e também as invenções tecnológicas de Leonardo Da Vinci.

O professor conta que os alunos foram bem participativos e gostaram de como foi trabalhado esse tema. “Adorei, pois aprendi mais sobre o assunto e a forma como o professor propôs foi muito interessante”, conta a aluna Thayla Fernanda. E no final do projeto o docente saiu com a sensação de dever cumprido. “Todos os resultados esperados foram alcançados de forma extraordinária, pois os jovens participaram demonstrando interesse e vontade de aprender durante a produção e apresentação da mostra literária”, completa.

Colaboração: Jéssica Almeida

CIEP 201 Aarão Steinbruch  
Rua Presidente Kennedy, s/n – São Bento –  
Duque de Caxias/RJ  
CEP: 25010-006  
Tels.: (21)3659-1464 / 3659-1797  
E-mail: aaraorico@yahoo.com.br  
Diretora adjunta: Ana Cátia  
Professor responsável: João Paulo





# Do fundo do baú

Feira promove o resgate da história nacional



**A** História é a ciência que estuda o homem e suas ações decorrentes no tempo e no espaço. O passado é uma parte desse tempo retratado e refere-se a todo e qualquer acontecimento. História e passado caminham juntas e é assim que o futuro é escrito. Já dizia Miguel de Cervantes: “A história é émula do tempo, repositório dos fatos, testemunha do passado, exemplo do presente, advertência do futuro”.

Para o professor da disciplina, Aristóteles Ribeiro, é necessário que os jovens aprendam e conheçam o desenvolvimento da nossa sociedade para que entendam a dimensão da capacidade humana de evolução. Além, é claro, de saber valorizar o nosso patrimônio. O mestre leciona no Colégio Estadual Professora Evangelina Soares de Moura, no bairro Rosa dos Ventos, município de Nova Iguaçu. A proposição pedagógica teve embasamento no contexto da Revolução Tecnológica. “A evolução acontece de acordo com as necessidades do homem”, completa Aristóteles. E foi com este intuito que o educador criou o Projeto *Minha História* para exaltar a importância da preservação do patrimônio histórico-cultural e da História em si. O projeto desenvolve várias atividades ao longo do ano, como a





Atentos, os alunos puderam entender na prática a evolução de objetos hoje usados por eles, mas com um novo leiaute e funcionalidades



parceria com o Museu Histórico Nacional, que desde março de 2013, promove a realização de visitas guiadas.

Um dos desdobramentos da iniciativa foi a primeira edição da “Feira de Antiguidades – Histórias das coisas e coisas da História”. O trabalho foi desenvolvido com alunos do terceiro ano do Ensino Médio. O docente acredita que, como estão no final do curso, os alunos têm uma bagagem de conhecimento grande e relevante e podem passar para os estudantes do Ensino Fundamental. A Feira aconteceu durante três dias e esteve aberta a toda a comunidade escolar e local. A escola, inclusive, recebeu a visita de outras instituições da região.

A mostra trouxe centenas de objetos de época, tais como história em quadrinhos, câmeras fotográficas, vitrolas, aparelhos *walk-man* e *discman*, rádios a pilha, televisões em preto e branco, telefones de disco, mimeógrafo, máquinas de costura, máquina de escrever, bicicletas, coleção de fichas de ônibus, de moedas e de notas antigas, entre muitas outras peças. Tudo foi conseguido através de doações feitas pelos moradores, a pedido dos educandos, professores, funcionários e dos próprios. “Todas as peças foram catalogadas e contextualizadas historicamente pelos estudantes”, esclareceu a professora da unidade escolar Mônica Mello.

O envolvimento do corpo discente foi notório. Jennifer Xavier, de 16 anos, conta que, ao primeiro contato, “o projeto começou como incentivo para mostrar a evolução das coisas, como era antigamente. Muitos alunos entraram de cabeça”. Como já está se formando, a garota ficou feliz de poder deixar a sua própria marca na história do colégio.

“A gente pediu pelo bairro peças antigas, fomos na residência das pessoas, trouxemos de casa”, revela Patrícia dos Santos, de 19 anos. “Nos dividimos para fazer a pesquisa da história de cada objeto encontrado. Cada peça foi catalogada com uma ficha para apresentar o seu passado e como era o Brasil na época”, acrescenta.

O professor Aristóteles disse ter ficado surpreso com a percepção dos jovens. Um deles disse a seguinte frase: “Tudo o que tem na exposição, a gente tem, hoje, no celular”. Para o doutrinador, o dito resume o conceito da feira.

Colaboração: Mairiz Silva

Colégio Estadual Professora Evangelina Soares de Moura  
Rua Fátima Cristina, 400 – Rosa dos Ventos  
– Nova Iguaçu/RJ  
CEP: 26331-480  
Tel.: (21) 3778-3802  
E-mail: cepesm\_rj@yahoo.com.br  
Direção: Sílvia Cássia de Oliveira  
Fotos: Marcelo Ávila





# Leitura em foco

Semana intensa de trabalhos voltados para a Literatura

Com um misto de atividades musicais, teatro, pintura, leitura, exposições, feira de livros e, até mesmo, a escrita de uma obra feita inteiramente pelos alunos, foi proporcionado aos estudantes e responsáveis do Colégio Equipe Grau, localizado no centro do município de Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense, uma Semana Literária. Duas das propostas do evento, que aconteceu na Unidade Ser e Crescer, são incentivar e despertar o gosto pela literatura e pela leitura.

O projeto é anual, com temática diversificada a cada nova edição. A coordenação da instituição de ensino decidiu inovar com o tema inspirado em histórias de contos infantis, filmes e musicais. Tudo, claro, sempre enfatizando a importância do livro, resultando no título: "Aqui todos contam...Uma história de pirata. E o tesouro maior: é o LIVRO!". Participaram os alunos do 1º segmento: do Infantil I ao 5º ano do Ensino Fundamental. Entre as referências e exemplos mais conhecidos utilizados pelos alunos estão as histórias de Peter Pan e Sininho, além de filmes como "Piratas do Caribe". O musical "Cat" também serviu de incentivo e inspiração para as apresentações.

Dentre as atividades, as turmas fizeram números inspirados nos espetáculos da *Broadway* e contos também. Os musicais foram cantados na língua inglesa, com texto adaptado,





Com um olhar atento, porém, bastante surpresos, os alunos puderam entender na prática a evolução de objetos hoje usados por eles, mas com um novo leiaute e funcionalidades

além da riqueza de detalhes no cenário e no figurino. Para melhor acomodar o público, bastante volumoso, as encenações aconteceram no teatro do Sesc (Serviço Social do Comércio), também de Nova Iguaçu, no bairro Moquetá.

Um dos desdobramentos da Semana Literária foi a sessão de autógrafos feita pelos alunos no lançamento e entrega dos livros escritos e ilustrados por eles próprios. O encontro marcou o encerramento dos festejos. O trabalho foi resultado da iniciativa “Construindo Poesias”, desenvolvida com três turmas de 5º ano, em parceria das professoras Maristela Nascimento, Tatiane Ribeiro e Thábata Fernandes. O resultado agradou não somente o corpo docente como os pais e responsáveis, que receberam um livro cada um.

Aprofundando durante as classes de português e artes, os estudantes foram escrevendo e pintando aos poucos, ao final de cada aula, ao longo de dois bimestres. Para inspirá-los, as professoras introduziram escritores como Manuel Bandeira, Vinícius de Moraes, Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meirelles, Cora Coralina, entre outros.

“No início eles ficaram meio tímidos para criarem as poesias. Portanto, ao longo do processo foram demonstrando domínio com a tipologia textual. Ficaram entusiasmados ao saberem que conceberiam um livro. No dia do lançamento,

na manhã e tarde de autógrafos, foi uma felicidade imensa para cada um deles, pois dedicaram a seus pais e responsáveis”, revela a educadora Tatiane Ribeiro. Segundo ela, o trabalho com as crianças é “muito gratificante, ainda mais por estarem em uma fase em que absorvem muitas informações e são estimulados o tempo inteiro”.

A equipe pedagógica da unidade ficou tão orgulhosa do resultado do primeiro livro publicado, cujo empenho e participação dos alunos foram tão intensos, que ficou decidido o planejamento para o próximo ano.

Colaboração: Mairiz Silva

Colégio Equipe Grau – Unidade Ser e Crescer  
Avenida Abílio Augusto Távora, 537 – Centro – Nova Iguaçu/RJ  
CEP: 26265-090  
Tel.: (21) 3776-0561  
Site: [www.equipegrau.com.br](http://www.equipegrau.com.br)  
Coordenação Pedagógica: Isabel Monteiro e Andrea Muri  
Fotos cedidas pela escola



# Vinícius e seus convidados

Projeto que reuniu alguns autores contou com a participação de um deles

Preciosa! Foi dessa forma que o autor Júlio Emílio Braz definiu a interação entre o escritor e o jovem leitor. Pensando nisso, a E. M. Luís Carlos da Fonseca, localizada em Madureira, criou o projeto intitulado de *Fundamental é mesmo o amor... É impossível ser feliz sozinho!*, que trabalhou diversos autores e durante a culminância contou com a presença de um deles. O objetivo do trabalho era desenvolver o comportamento leitor através da leitura, para a formação de leitores autônomos, valorizar a ação de ler e, conseqüentemente, as obras escritas como forma de arte e preservação do conhecimento, ampliar os universos literários dos alunos, oferecendo material diferenciado para leitura e possibilitar a eles momentos para saborear e compartilhar as ideias de autores clássicos e contemporâneos da literatura universal.

Segundo a professora da Sala de Leitura Andréia Marcatto, a escola está enfocando desde o início do ano o poeta Vinícius de Moraes. "Paralelo a isso, nós abordamos Ana Maria Machado, João Guimarães Rosa, Graciliano Ramos e Júlio Emílio Braz. Recebemos a orientação de trabalhar com esses três autores. O Vinícius por causa do seu centenário e o Júlio Emílio Braz como uma opção da escola, por conta dessa possibilidade de aproximar o autor dos alunos", conta. Os trabalhos, desenvolvidos pela Sala de Leitura, foram realizados com todas as turmas da escola, que vão para esse ambiente uma vez por semana. E, no decorrer do projeto, outras professoras também adotaram a ideia.

A docente afirma que o autor Júlio Emílio Braz foi bastante trabalhado na sala de leitura, pois escreveu muitos livros de conto, como "Chapeuzinho Vermelho" e "João e o Pé de Fei-

O autor Júlio Emílio Braz, que esteve presente na culminância do projeto, fala sobre a importância da interação entre autor e leitor





jão". "Nós vimos a possibilidade de abordar esses textos na escola e convidar o autor. A intenção não é trazê-lo para fazer reconto, mas sim uma oportunidade de aproximar o autor/escritor das crianças, para que eles possam ver que o autor é algo real, que pode tocar, que é próximo. Porque toda vez que contamos uma história para eles, nós falamos do autor. Só que isso para eles é muito abstrato, principalmente para as crianças da nossa comunidade, que em casa têm pouco acesso à leitura", explica.

A culminância do projeto contou com exposição de trabalhos, apresentações de danças e dramatizações com os alunos. Caricaturas dos autores trabalhados na Sala de Leitura foram colocadas no teto, com a professora explicando que elas estavam ali porque representavam as estrelas da nossa atividade. A culminância também contou com a participação de Júlio Emílio Braz, que afirmou que é muito importante essa interação entre o escritor

e as crianças. "Acho diferente quando você apenas lê o livro e quando você vê quem o escreveu. Desmitifica, no bom sentido, porque nós fantasiávamos muito quando não conhecemos o autor. Achamos que é um cara diferente, que anda de terno. Mas, quando você conhece, a maioria deles é bem simples, vieram de realidades bem parecidas com a deles", explica.

O escritor acredita que essa interação ajuda no incentivo à leitura. Ele conta que a esposa dele era livreira e, sempre que fazia uma feira em alguma escola, geralmente particular, ela me levava para fazer uma palestra. "É claro que, se eles gostam do autor, compram o livro ou então vão à biblioteca e pegam emprestados para ler. Acho muito importante e acredito também que outros autores deveriam fazer isso", afirma. Segundo ele, a escola tem um papel muito importante na vida do aluno, no momento da leitura. "E o autor tem um valor inestimável nesse processo, porque, por mais lábia que a professora tenha, nada supera a presença de quem fez a obra. Além do mais, através da leitura o aluno pode aumentar o vocabulário, principalmente as crianças que, por conhecerem menos palavras, tendem também a se expressar pouco, não dar opinião", afirma. Então, o nosso papel é fomentar, estimular esse gosto pela leitura.

Colaboração: Jéssica Almeida

E. M. Luís Carlos da Fonseca  
Rua Leopoldino de Oliveira, 51 – Madureira  
– Rio de Janeiro/RJ  
CEP: 21360-060  
Tel.: (21) 34573496  
E-mail: emfonseca2011@gmail.com  
Diretora adjunta: Cristiane Castro  
Professora responsável: Andréia Marcatto  
Fotos: Marcelo Ávila







# Sociedade em questão

Seminário traz debate e inserção cultural



Com intuito de despertar o gosto pela literatura, os pequenos fizeram apresentações teatrais e músicas inspiradas nas histórias de Peter Pan, Sininho e Piratas do Caribe

**E**m meio às celebrações pelo Dia Nacional da Consciência Negra, comemorado desde a década de 1960, a Secretaria Municipal de Turismo e Cultura (SMTC) e a Fundação de Artes de São Gonçalo (Fasg) realizaram um seminário com várias atividades relacionadas ao período, chamado *Seminário de Cultura Popular e Afrodescendência*.

A coordenadora do evento, Verônica Inaciola, especialista em folclore e cultura popular, organizou tudo e recebeu o público. Também apresentou o cronograma, cujo foco foram as questões ligadas ao negro na sociedade brasileira, trazendo debates e palestras com representantes de entidades e grupos atuantes na promoção da cultura negra. As atividades foram mediadas pelo professor Ronaldo Freitas, historiador e pesquisador com grande experiência no campo das etnias, sobretudo negra e indígena.

Fazendo a abertura do evento, o secretário da SMTC, Michel Portugal, proferiu algumas palavras, principalmente agradecendo a presença de todos. Para animar, a roda de samba do *Projeto Cardume*, de cunho esportivo, sociocultural e educacional, que atende a temática da lei 10.639.

O professor José Barbosa Silva Filho, mestre em Política Social e pesquisador da Universidade Federal Fluminense





um excelente trabalho de conscientização, preparação e que faz de tudo para que a educação ultrapasse os muros da escola

(UFF), apresentou a palestra "O Negro na Sociedade Brasileira" e utilizou a música de Gilberto Gil e recortes de matérias para dar ênfase às suas palavras e exemplificar.

Uma grande mesa-redonda, intitulada "Refletindo a Cultura e a História dos Afrodescendentes em São Gonçalo", reuniu líderes de movimentos negros. São eles:

Rosilene Rodrigues (Centro Comunitário do Jardim Catarina – Projeto *Três Negras de Axé*); Mãe Márcia de Oxum (coordenadora do projeto *Matrizes que fazem*); Janete Nazareth (Empreendimento Solidário *Mulheres do Salgueiro*); Bianca Duarte (projeto *Cardume*); Valdecy Marcelino (mestre de Folias de Reis – Estrela Nova do Oriente); Geisi Nara dos Santos (Grupo Negoa); e Luiz Cláudio Santana (coordenador de políticas para a igualdade racial).

Além das palestras e debates, o seminário trouxe degustação de comidas típicas para o público: cocada, pé de moleque etc. Falando de cultura, não podiam ficar de fora as apresentações do músico Danilo Dourado, de samba de roda e capoeira, assim como mostra de esculturas e peças de artesanato.

A exposição da artista plástica Sonja Asiwajo coloriu e engrandeceu os corredores e paredes do local. Ela faz esculturas e trabalhos com argila, tecido, couro, sementes, cordas, madeira, utilizando apenas as mãos e palitos de bambu. Atuando há cerca de dez anos, a artesã conta com a ajuda do marido, Alfredo Ângelo de Katende, pesquisador e professor da Uerj, para auxiliar na pesquisa. Ele dá as informações sobre as divindades, principais fonte de inspiração para Sonja.

Também estiveram presentes as estudantes do Curso Normal do Instituto de Educação Clélia Nancy. Elas são alunas da professora Henriette Porciúncula que, segundo Verônica, desenvolve "um excelente trabalho de conscientização, preparação e faz de tudo para que a educação ultrapasse os muros da escola". A docente incentivou a ida das jovens como forma de aprimorar o conhecimento que será repassado aos alunos delas no futuro.

Colaboração: Mairiz Silva

Centro Cultural Joaquim Lavoura  
Av. Presidente Kennedy, 721 – Centro –  
São Gonçalo/RJ  
CEP: 24445-000  
Tel.: (21) 2199-6521  
E-mail: folkinciola@oi.com.br  
Coordenadora: Verônica Inaciola  
Fotos: Marcelo Ávila







# Criança **hoje**, idoso **amanhã**

Iniciativa estimula os pequenos a respeitar os mais velhos

Como eram as brincadeiras antigamente? Com o era o convívio entre pais e filhos? Como é ser idoso hoje? Essas questões deram vida ao projeto *Criança hoje, idoso amanhã: aprendendo sobre e a respeitar os mais velhos*, desenvolvido pela Escola Municipal Ondina Couto, no município de Mesquita. A ideia era oportunizar o contato dos alunos do Ensino Fundamental com pessoas mais velhas, porém com um olhar mais aguçado para perceber as diferenças e semelhanças entre as épocas, mostrar como eram as brincadeiras e brinquedos antigamente e, acima de tudo, que eles aprendessem a respeitar e valorizar os idosos. Além disso, conversar sobre a disciplina e os ensinamentos passados de geração em geração, trabalhando ética e cidadania.

O projeto surgiu de uma inquietação de ter o abrigo tão perto de nossa escola e não haver nenhuma atividade que envolvesse os idosos. Com isso, foi elaborada uma semana de atividades que os valorizasse, resgatando o sentimento de respeito e aprendizagem que merecem. "Escolhemos esse tema porque entendemos que as crianças devem compreender que os mais vividos devem ser alvo de atenção e cuidados. Possivelmente nunca foram levadas a pensar que seus avós um dia já foram como elas. Tentamos conduzir os pequenos a entender que o tempo passa para todos e que eles devem se colocar no lugar de outras pessoas", explica a diretora Denise Fernandes.

Esses assuntos foram debatidos em diversas atividades, como rodas de conversa com os pais, avós e funcionários da escola. Foram organizadas oficinas de fabricação de brinquedos, atividades de recreação com brincadeiras antigas, construção de linha do tempo individual e visita a um asilo. Para dar início ao projeto foi discutida em sala de aula a importância de respeitar os idosos, refletindo sobre como eles eram antigamente, como são hoje e como ficarão em alguns anos. A partir daí, os alunos começaram a construir uma linha do tempo, onde foram colocadas as fotos de quando eram bebês se estendendo até um desenho, feito por eles próprios, de como imaginavam ficar no futuro.

Outra atividade realizada foi uma "roda de conversa", onde foram discutidas como eram a disciplina e a convivência antigamente, e como a questão se dá atualmente. Foi pedido então que as crianças refletissem sobre as mudanças e semelhanças. A terceira atividade recebeu o nome de "Fabricando nossos próprios brinquedos", onde os alunos tiveram a oportunidade de construir objetos antigos e fáceis de montar, como a peteca e a bola de meia. Já a quarta atividade contou com divertimentos de outras épocas, que até hoje fazem a alegria da criançada, como amarelinha, telefone sem fio, batata quente, corda, passa anel, entre muitas outras.







Estudantes participam de atividades propostas para entender as mudanças que ocorrem com o passar dos anos e depois fazem uma visita ao abrigo de idosos

Os pequenos tiveram também que conversar com uma avó ou avô sobre como era a vida antes. Com isso, foram debatidas em sala

de aula as mudanças que acontecem com o passar dos anos, como as alterações na visão, audição, locomoção etc. Outra atividade foi proposta: com o uso de materiais como algodão, lenços e cabos de vassoura, vedar olhos e ouvidos dos alunos e pedir que se locomovam em um espaço limitado com o auxílio do cabo de vassoura (fazendo a vez de uma bengala) para identificar os obstáculos. A partir daí, foi enfatizada a necessidade de ceder o lugar em transportes públicos, auxiliar quando necessário e respeitar os idosos.

Para encerrar esse ciclo de atividades os alunos estiveram no abrigo Irmã Catarina, também em Mesquita. Foram visitas de pequenos grupos de 10 a 15 integrantes, que foram agendadas com antecedência. Lá foi possível um contato direto com os idosos e com o local onde eles vivem. Os estudantes puderam também fazer perguntas e conversar sobre os assuntos tratados ao longo do projeto e entregar as cartinhas feitas antes da visita ao abrigo. A diretora conta que houve grande emoção por parte de alguns, casos da aluna do 4º ano do Ensino Fundamental Katheelen Cardoso e da funcionária Luana Gurgel. "Na verdade a mudança ocorreu no interior de cada participante, através da revisão de valores e na construção de relacionamentos mais saudáveis entre as gerações mediante troca de experiências", completa Denise.

Com a conclusão dessas atividades, os alunos criaram cartazes ilustrados com o conteúdo aprendido para expor na escola. A diretora conta que o projeto foi uma experiência realizada em 2013, e apenas as turmas do turno da tarde e do "Programa Mais Educação" visitaram o abrigo. Com o resultado positivo ela pretende estender o projeto para 2014. "Decidimos elaborar a atividade desse ano a partir da experiência positiva do ano passado e como extensão da filosofia de nossa escola pela igualdade e respeito às diferenças. Observamos o quanto foi importante para os idosos e para as crianças essa troca de saberes e de afeto", afirma.

Colaboração: Jéssica Almeida

Escola Municipal Ondina Couto  
Av. Brasil, 1.315 – Coreia – Mesquita/RJ  
CEP: 26556-005  
Tel.: (21) 3763-9792  
E-mail: emocouto@mesquita.rj.gov.br  
Diretora: Denise Fernandes  
Orientadora Educacional: Lis Rejane  
Fotos cedidas pela escola





# Lixo se joga no lixo

Professora incentiva alunos na preservação da cidade

Será que esse é um fato isolado? Só diz respeito à cidade do Rio de Janeiro? Qual a nossa parcela de culpa? Qual a nossa contribuição positiva? A partir dessas e de outras indagações a professora de Geografia Maria de Lourdes Lima, do Colégio Estadual Antônio Figueira de Almeida, em Nilópolis, desenvolveu, com estudantes do 1º ano do Ensino Médio, um trabalho sobre o espaço geográfico do Estado do Rio de Janeiro e a sua preservação. A atividade aconteceu com o objetivo de discutir questões ambientais sob a ótica social e uma política de conscientização individual e coletiva.

Segundo a docente, o projeto surgiu a partir do programa do Município do Rio de Janeiro para aplicar multas para quem jogasse lixo nas ruas e a partir também de uma campanha publicitária. "Na propaganda, a atriz Fernanda Montenegro

fala sobre a cidade, que recebe grandes eventos, como o *Rock in Rio*. Menciona também dados estatísticos, que nos colocam como a nona mais poluída do mundo.

O reclame pedia para que as pessoas que fossem ao festival ajudassem a manter a cidade limpa. Com isso surgiu a ideia de agrupar todas as informações e realizar as atividades em sala de aula", explica a educadora.

A proposta foi apresentada para as turmas a partir de um bate-papo informal, destacando a reportagem sobre as cobranças de multas e o comercial veiculado na mídia. Foram discutidas a validade, a necessidade e a importância da aplicação da multa. Foi dado destaque aos locais públicos, além dos rios,





# Reeducar Repensar Reduzir Reciclar Reutilizar Recusar Recuperar

praias, parques, entre outros espaços degradados e poluídos. A contaminação das águas (doce e salgada) e do ar e a chuva ácida foram colocadas em questão. O saneamento básico e a higiene também foram discutidos como prioridade para a manutenção das espécies vivas, humanas, vegetais e animais. E nesse viés agregaram o desmatamento, o aquecimento global, o efeito estufa e o futuro do planeta.

Os alunos buscaram na internet imagens que destacassem esses problemas relacionados ao ambiente natural sujo e poluído. Pesquisaram também exemplos de como se pode viver num meio mais saudável. Em papel silhueta, fizeram os cartazes com essas imagens e com as mensagens para despertar o interesse das pessoas em refletir sobre a cidade e os espaços públicos, altamente degradados. Esses painéis foram colocados no corredor principal da escola, com o objetivo e a justificativa do projeto. Para a professora, o papel da instituição de ensino é formar multiplicadores através da informação e do conhecimento. "Com a divulgação do tema através dos cartazes, não só os alunos que desenvolveram o trabalho aprendem um pouco mais como também todos que circulam pelos corredores", afirma.

Seis turmas do 1º ano do Ensino Médio participaram do projeto e foram divididas em grupos (média de 6 alunos em cada um) que fizeram os trabalhos dos 7 Rs da Educação Ambiental: Reeducar, Repensar, Reduzir, Reciclar, Reutilizar, Recusar e Recuperar. "Eles interagiram bem, aceitaram a proposta e os debates, cada qual com suas opiniões concordantes ou discordantes acerca da multa ambiental. Mas todos conscientes da necessidade da discussão, do grau de poluição, contaminação e lixo em excesso que se encontra não só na cidade do Rio de Janeiro, mas também em várias outras localidades brasileiras", conta Maria de Lourdes.

A professora explica a importância da cidade, que tem sido palco de muitos eventos de cunho internacional. "Além



Os estudantes fizeram cartazes com imagens e mensagens para despertar o interesse das pessoas a refletir sobre a cidade e os espaços públicos

de ser um dos espaços turísticos mais importantes em nível mundial. Portanto, trata-se de uma questão que vai além do social, do econômico ou do político, é um processo sociogeográfico e de cunho histórico de preservação de patrimônios, mananciais e sustentabilidade", completa. Ela conta também que com o projeto os alunos começaram a perceber que o dever de manter os espaços limpos também é uma questão de cidadania. "Se estão na escola e se há lixeiras na sala, no pátio, no refeitório, no banheiro, nos corredores, devemos usá-las, pois o espaço da instituição é deles também", explica.

Colaboração: Jéssica Almeida

Colégio Estadual Antônio Figueira de Almeida  
Av. Mirandela, 42 - Centro - Nilópolis/RJ  
CEP: 26520-332  
Tels.: (21) 3761-0343 / 3761-0537  
E-mail: colegioafa@oi.com.br  
Professora Responsável: Maria de Lourdes Lima  
Fotos cedidas pela escola





# Cuide bem do seu amor

## Semana de prevenção da aids agita colégio estadual

**A**s doenças sexualmente transmissíveis, popularmente conhecidas por DSTs, são consideradas como um dos problemas de saúde pública mais comuns em todo o mundo. Em ambos os sexos, tornam o organismo mais vulnerável a outras doenças, além de terem relação com as mortalidades materna e infantil. Janyedja Carvalho de Andrade, professora de Biologia do Colégio Estadual Barão do Rio Bonito, ao captar o ótimo potencial que uma turma de Ensino Médio apresentou para a realização de trabalhos e projetos, resolveu desenvolver o tema junto aos alunos. A escola fica no município de Barra do Piraí, na região Centro-Sul do Rio de Janeiro.

A ideia inicial era realizar um projeto que abordasse uma linguagem jovem e suave, desnuda de teorias e mais teorias. "Há um tempo atrás, fui a uma peça de teatro. Uma das personagens colocava camisinhas na boca dos participantes e no final pôs na boca do meu marido. Desta forma, ela explicava a sensibilidade do uso do preservativo. Dali por diante fiquei muito pressionada a fazer algo diferente também com meus alunos. Alimentei esta expectativa por muito tempo e só agora veio a oportunidade", conta a idealizadora de tudo.

Em conversa com os estudantes sobre a preparação do próximo bimestre, a educadora apresentou o conteúdo de trabalho e a proposta de fazer um musical sobre o tema das DSTs incluído no currículo mínimo. Como grande fã dos Paralamas do Sucesso, escolheu a música "Cuide bem do seu amor" para dar vida ao espetáculo, fazendo uma homenagem aos 30 anos da banda e aproveitando o cunho intelectual de algumas letras de suas músicas. A data da culminância foi escolhida para coincidir com o Dia Mundial de Luta contra a Aids. "No desenvolvimento, os alunos optaram pelo tema central, 'Cuide bem do seu amor', enfatizando o exame da HIV/aids e o uso permanente da camisinha entre os adolescentes. Esta música tem um clima romântico, mas é equilibrada e sensata, como quero que meus alunos sejam ao escolher um parceiro sexual".

Entre as muitas doenças desse tipo, a principal, escolhida como parte do tema da apresentação, foi a aids. Desde o início da epidemia, em 1980, até junho de 2012, foram registrados mais de 600 mil casos da doença,





de acordo com as últimas estatísticas. Em 2011, foram notificados 38.776 casos, e a taxa de incidência da aids no Brasil foi de 20,2 infectados por 100 mil habitantes. Vê-se por aí a importância de conscientizar os jovens para que estes indicativos sejam cada vez mais reduzidos.

No início, foi difícil trazer para um musical um aspecto novo e diferente para os alunos, sem apelo à sexualidade ou vulgaridade. Alguns até chegaram a comentar que assuntos relacionados às DST/aids eram algo muito falado e que se tornava até chato. “Enfrentei uma barreira muito grande comigo mesma para falar sobre camisinha e realmente ser exemplo para eles”, conta Janyedja, ao lembrar os momentos em que dividiu até algumas próprias experiências com seus pupilos.

A parte teórica consistiu em pesquisas e tabelas explicando e orientando sobre o assunto. Após o trabalho detalhado com o material, todos se sentiram maduros e estimulados para engrenar na parte prática. Toda a turma trabalhou muito, e ainda foram preparados 250 lacinhos representando o símbolo da luta contra a aids, além da distribuição de mais de 300 camisinhas.

Todos contaram com a presença da professora e doutora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e do Projeto Telessaúde, Sônia Araújo, fazendo parte da mesa de debates entre os alunos e participantes. O musical fez tanto sucesso que o colégio foi convidado a realizar uma apresentação na praça da cidade, além de a atividade ter sido incluída no calendário acadêmico da instituição.

A docente ficou muito contente com o resultado e com a autonomia dos jovens. “Aprendi que gostam de trabalhar e de ter responsabilidades que só eles podem desenvolver. Às vezes nós precisamos entender e cultivar isso neles. Conversamos muito, inclusive sobre o esperar e o cuidar de cada um e o trajeto que cada pessoa deve seguir em seu caminho”, completa.

Colaboração: Mairiz Silva

Colégio Estadual Barão do Rio Bonito  
Rua Barão do Rio Bonito, 25 – Nossa Sr<sup>a</sup> de  
Santana – Barra do Pirai/RJ  
CEP: 27113-040  
Tels.: (24) 2333-7392 / 2333-7393  
E-mail: cebrb@terra.com.br  
Direção: Márcia Fátima da Silva Rocha  
Fotos cedidas pela escola







# Esporte e cultura num só lugar



Os Arcos da Lapa são citados e pintados por viajantes desde o século XVI. Este aqueduto era responsável por trazer as águas do Rio Carioca, que nascia na Floresta da Tijuca, até o centro urbano. A obra, de tão resistente, passou a ser usada como via de bondes para Santa Tereza. Esse belo local histórico foi cenário de mais uma etapa do Circuito Light Rio Antigo, onde associados, agregados e funcionários marcaram presença nessa grande festa do esporte, através do benefício de Caminhadas e Corridas. Os competidores e apaixonados pelas corridas lotaram mais uma vez a tenda da Appai e fizeram bonito no pódio, marcando presença em diversas categorias.

A professora e associada Alcione Reis conta que o cenário cultural estimula a prática do esporte. “É maravilhoso! O Rio de Janeiro é lindo! E o carioca precisa descobrir o quanto ele é belo!”, completa. O docente e associado José Wilson de Santana completa afirmando que, além disso, o cenário cultural “enriquece tanto como pessoa, quanto como profissional na área de Pedagogia, porque melhora o vocabulário e oferece um conhecimento geral de diversas coisas, inclusive de saúde. O melhor de tudo é que podemos unir cultura e bem-estar num só lugar”, declara Wilson.

O diretor da Appai Julio Cesar da Costa conta que o benefício de Caminhadas e Corridas vem crescendo a cada dia. “Estamos ampliando a tenda, para receber um número maior de associados. Esse cenário esportivo, em ano de Copa do Mundo, anima as pessoas para a prática do esporte, o que deverá atrair ainda







mais gente. Nas tendas de treinamento esse número também vem crescendo, estamos ampliando não só os polos existentes, como também criando novos, em outros bairros”, completa.

No quinto ano consecutivo do Circuito Light Rio Antigo, o organizador da prova Virgílio de Castilho elogia a participação da Appai no evento. “Esse apoio da Associação nas corridas é maravilhoso! Acho que tem tudo a ver a educação andar junto com o esporte, com a cultura. É um elo de integração muito grande que a gente tem. Acho que o Rio Antigo é o circuito da Appai. É o queridinho, o escolhido!”, completa Virgílio.

No final do evento, atletas e apaixonados pelo esporte contam que ficaram bastante satisfeitos com os resultados. Os primeiros a cruzar a linha de chegada nos 4 km foram Juliana Paula de Souza e Flávio Carvalho Stumpf, seguidos de Rafael Correa Valverde, em 4º lugar, e Bruno William de Albuquerque, em 5º. Já nos 8 km, Clodoaldo Azevedo e Gisele Barros de Jesus conquistaram o ponto mais alto do pódio.

E para aquelas pessoas que estão começando, o campeão Clodoaldo aconselha que iniciem devagar, “com paciência, que aos poucos o corpo vai se adaptando. É de extrema importância também ter um acompanhamento médico, para auxiliar nesses exercícios”, afirma. O vencedor já está pensando nas próximas corridas e afirma que segue treinando firme. “É pódio na certa!”, declara Clodoaldo.



## CORRIDA DA MULHER CAIXA 2014

Saindo do reduto da boemia Carioca e do cenário arquitetônico que guarda parte da história do Rio e do Brasil, caminhamos por outro percurso, não menos importante da nossa trajetória. Estamos falando da Lagoa Rodrigo de Freitas, uma das principais atrações turísticas da cidade, que, devido a seu formato, é também carinhosamente conhecida como “O Coração do Rio de Janeiro”. Foi nesse cenário de rara beleza que mais de 2 mil participantes, entre amadoras e profissionais, correram e caminharam os 7,5 km da oitava edição da Corrida da Mulher Caixa, realizada anualmente – com o apoio da Sociedade Brasileira de Mastologia – e que tem o objetivo de homenagear a figura feminina, mas, sobretudo, de lembrar a importância do exame preventivo contra o câncer de mama.

Com o tempo de 27 minutos e 35 segundos, a atleta Márcia Narloch, da equipe Appai, foi a primeira a cruzar a linha de chegada. De acordo com a campeã da prova, não poderia ter havido melhor comemoração, uma vez que Márcia tinha acabado de completar mais um ano de vida. “Fiquei muito feliz em participar de uma competição só pra mulheres. Os organizadores e patrocinadores estão de parabéns. Uma vitória sempre é importante ainda mais em uma prova tão especial como esta. Fiz questão de prestigiar. É mais do que uma corrida”, disse Márcia oferecendo a vitória a todas as mulheres presentes. Além do título de primeira colocada geral, a equipe Appai também levou o troféu na categoria maior número de inscritos.

Colaboração: Jéssica Almeida e Antônia Lúcia





# Realidade matemática

Educadora estimula nos alunos o exercício do raciocínio

Colocar as frações no quadro, mostrar como representá-las e passar exercícios. As crianças copiam e uma ou outra se manifesta quando tem alguma dúvida. Dessa forma, a professora Adriana Gil só percebia nas provas bimestrais que alguns estudantes não haviam aprendido a matéria. Pensando nisso, a educadora, que leciona há mais de 15 anos, mudou o ensino de Matemática na Escola Municipal de Ensino Fundamental 28 de Julho, rede municipal de São Caetano do Sul, cidade da Grande São Paulo. Ela apresentou situações reais, nas quais as crianças podem, de fato, se deparar com um problema concreto e formular hipóteses. Assim trabalhou com os números racionais, na turma do terceiro ano.

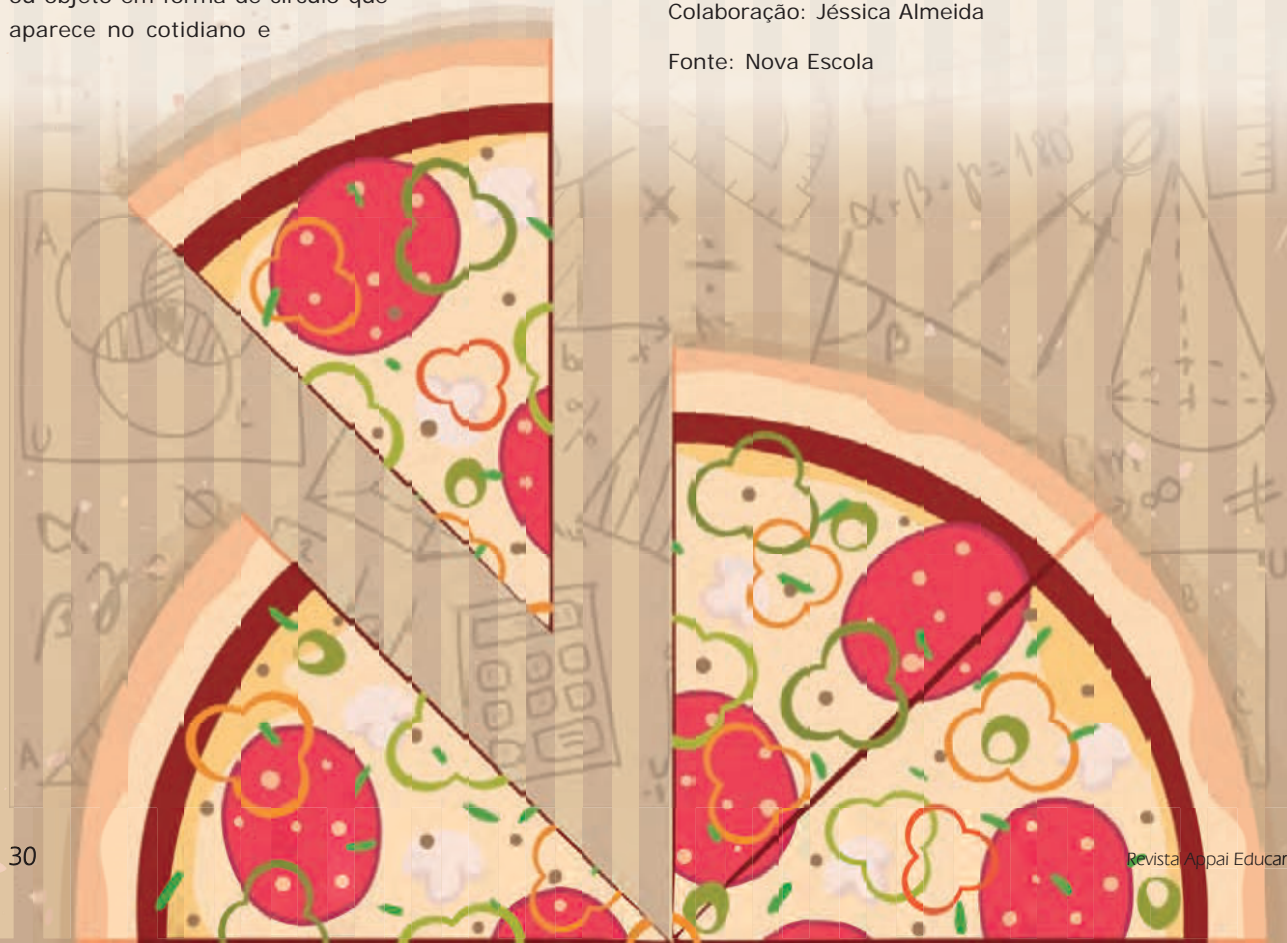
Para colocar o plano em prática, Adriana reuniu a turma em três grupos e organizou um *kit* contendo partes de um círculo, de um retângulo e de um quadrado, separados em duas, três ou quatro partes. Cada equipe recebeu um deles, e caberia às crianças montar uma figura geométrica utilizando as peças e dizer se lembravam de alguma gravura ou objeto em forma de círculo que aparece no cotidiano e

que pode ser dividido. Pizza, biscoito recheado, entre outros, foram as respostas. A intenção dessa brincadeira era introduzir as frações no pensamento lógico dos alunos.

Em outra atividade foi questionado se uma fração é um número, e proposto um debate entre os coleguinhas: um grupo que acreditava que sim, para um lado, e os contrários, de outro. A partir dos argumentos utilizados pelos dois contendores, Adriana aproveitou para explicar o assunto, inclusive citando as frases dos próprios alunos. Para completar, ela disse que com as frações, apesar de suas características próprias, também é possível somar, subtrair e ordenar. “Só que elas têm características diferentes dos números que vocês conhecem”. Essa foi a maneira que a educadora encontrou para utilizar o próprio conhecimento apreendido pelos estudantes para construir novos saberes e inseri-los na chamada vida real. Aprende aluno e também professor. Mais do que jogos, as atividades induzem a produção de raciocínio, ferramenta indispensável para a Matemática.

Colaboração: Jéssica Almeida

Fonte: Nova Escola





# Ameaça Silenciosa

Exercício físico pode contribuir para que a mulher não venha a ter osteoporose

**E**la é considerada uma doença silenciosa e só apresenta sintomas na fase avançada. Normalmente afeta mais mulheres que homens a partir dos 50 anos. Estamos falando da osteoporose feminina, uma enfermidade que leva à perda de massa óssea e ao aumento de fragilidade dos ossos, ocasionando fraturas espontâneas ou por trauma físico. As principais causas relacionadas são a menopausa, histórico familiar, pessoas fisicamente magras, asiáticas, baixa ingestão de cálcio, falta de exposição ao sol, diabetes, consumo de álcool, café e pouca atividade física. A partir dos 40 anos, recomenda-se que toda mulher faça o exame de densitometria óssea, ideal para o diagnóstico de osteoporose.

Segundo o médico Rogério Alvarenga, especialista em Nutrologia, Endocrinologia, Medicina Ortomolecular e autor do *website* Palavra de Médico ([www.palavrademedico.com.br](http://www.palavrademedico.com.br)), as mulheres que praticam esporte têm menos tendência a ter a doença. “Os impactos de uma corrida ou da musculação estimulam a consolidação do cálcio nos ossos, fortalecendo-os e protegendo-os contra a osteoporose”, alerta o especialista. Caminhadas, dança, jogar tênis também são atividades essenciais para se prevenir e evitar o sedentarismo. Uma vez diagnosticada a doença, o paciente pode continuar se exercitando, porém devem-se evitar práticas que geram muito impacto, causando risco à saúde.

Elemento essencial na vida das pessoas, independente da faixa etária, a atividade torna-se ainda mais necessária a após os 30 anos quando a massa óssea começa a se deteriorar. No caso das mulheres, a prática de exercícios deverá ser intensificada, pois com musculatura mais forte a ala feminina estaria menos propensa a ter osteoporose, é o que afirma a vencedora por três vezes da Maratona de São Paulo, a atleta Márcia Narloch ao destacar a importância do esporte para uma vida mais saudável. “A partir do momento em que você busca fazer exercícios físicos, começa a evitar uma série de doenças, principalmente a osteoporose. Um estudo realizado pela Universidade de Erlangen, na Alemanha, com mulheres osteopênicas sedentárias, mostrou que o treinamento com musculação focado em potência muscular apresentou

resultados satisfatórios, além de diminuir a incidência da dor, principalmente na espinha lombar”, advertiu a atleta.

Levando em conta o envelhecimento da população, Dr. Rogério Alvarenga faz uma previsão: “O ano de 2050, quando comparado ao ano de 1950, deverá registrar um crescimento de 400% no número de fraturas de quadril para homens e mulheres entre 50 e 60 anos, e próximo de 700% nas idades superiores a 65 anos. Aproximadamente uma em cada três mulheres vai apresentar fratura óssea na vida”. Ainda segundo o médico, existem outras formas de se prevenir da doença: “Além do consumo de leite e de vitamina D, recomenda-se também a exposição ao sol”.

Apesar de a preocupação maior ser com as mulheres, o médico ressalta a importância da prevenção também entre as pessoas do sexo masculino. Segundo o Dr. Rogério, as especialidades mais procuradas pelos homens são clínica médica, cardiologia e urologia, e seus médicos não têm o hábito de solicitar o exame de densitometria óssea para diagnosticar o problema. “Tenho observado, ao longo de 20 anos, que homens com mais de 50 anos apresentam um índice muito alto de perda de massa óssea”, alerta o especialista.

Colaboração: Leonardo Mega

Fonte: médico Rogério Alvarenga (CRM-RJ nº 23389-0)







# O Prazer de Estudar História e Geografia

Professoras se unem para despertar o desejo de estudar as disciplinas

**J**ogos, dinâmicas, maquetes, pinturas de quadros, cinema e um passeio à Ilha de Paquetá. Essas atividades foram propostas pelas professoras Marcina Freitas, Eliane Portella e Adelina Maria do Ciep 129 José Maria Nanci, em Itaboraí, para dinamizar suas aulas. As atividades fizeram parte do projeto que recebeu o nome de *O prazer de estudar História e Geografia*, que tinha como objetivo justamente estimular nos alunos do Programa Autonomia o prazer de mergulhar nessas disciplinas.

As docentes explicam que os alunos fizeram as pesquisas na biblioteca da escola e no laboratório de informática, e a partir disso elaboraram diversas atividades, incluindo um passeio à Ilha de Paquetá, além de outras coisas relacionadas com o tema. Os principais assuntos estudados nos trabalhos foram o centenário de Vinícius de Moraes, monumentos históricos, arquipélagos, historiadores, pintores e músicas brasileiras.

A educadora Marcina conta que todos os nossos gêneros musicais dos anos 1930 até os dias atuais foram pesquisados. “Os alunos empolgaram-se mais por ‘Ô abre alas’, de Chiquinha Gonzaga, músicas da Bossa Nova e Anitta”, completa. Nomes como Caio Prado Junior, Nicolau Maquiavel e Voltaire estavam na lista de estudiosos pesquisados para a criação dos trabalhos. Já os pintores foram Pablo Picasso, Leonardo da Vinci, Van Gogh e Portinari.

Além de História e Geografia, as professoras contam que integraram outras disciplinas ao projeto, como Língua Portuguesa, Artes, Música e Filosofia. “Inserimos o Português na produção e interpretação de textos. Em Artes, fizemos a releitura dos quadros históricos, além da confecção de maquetes e jogos. Vídeos e tarefas escritas e visuais foram inseridos na Música. Enquanto na Filosofia buscou-se direcionar os jovens para que compreendessem o pensamento de cada época, a partir das opiniões em cada debate”, explicam.



Os cartazes e quadros literários feitos pelos alunos ficaram em exposição nos corredores do colégio



O projeto de História e Geografia contou com diversas atividades, incluindo música e dramatização



A aluna Thayná Cristina de Souza, da turma Paef II, conta que com o projeto aprendeu a valorizar escritores, pintores e músicas brasileiras. “Descobrimos e aprendemos sobre vários monumentos históricos, aprendemos que temos talentos e habilidades, além de tornarmos melhor a convivência com os outros e com o mundo. Me sinto motivada com esses projetos desenvolvidos. As professoras nos dão total apoio e ajuda. Isso me influenciou em querer aprender cada vez mais”, afirma.

Segundo Marcina, os alunos participaram intensamente das atividades e demonstraram bastante interesse em realizar o projeto. Se sentiram mais valorizados e motivados. “Passei por muitas experiências, mas trabalhar com projetos no Programa Autonomia é a minha melhor atuação em todos os anos de escola que frequentei. Agradeço demais às professoras pela oportunidade dada a mim e aos demais colegas de aprender tantas coisas boas em pouco tempo”, conta a aluna Suellen Ferreira, da turma Paem II.

Colaboração: Jéssica Almeida

Ciep Brizolão 129 – José Maria Nanci  
Av. Flávio Vasconcelos, s/nº – Venda das Pedras – Itaboraí/RJ  
CEP: 24800-000  
Tel.: (21) 3637-3039  
E-mail: ciep129@ig.com.br  
Professoras responsáveis: Marcina Freitas, Eliane Portella e Adelina Maria  
Fotos cedidas pela escola



# Ginásio Experimental do Samba

Projeto aposta em sistema de ensino voltado para a música

O samba, tão comum no cotidiano do carioca, tornou-se a principal disciplina na Escola Municipal Chile, localizada em Olaria. As aulas fazem parte de um projeto da Secretaria Municipal de Educação que pretende oferecer uma aprendizagem mais adequada aos adolescentes da rede municipal de ensino. O Ginásio Experimental Carioca (GEC) Francisca Soares Fontoura de Oliveira, apelidado de GEC do Samba, tem como objetivo formar jovens autônomos, conscientes de seu papel na sociedade e ajudá-los a traçar projetos de vida por meio de inovações curriculares, de conteúdo, metodologias e gestão nas escolas do segundo segmento do Ensino Fundamental (do 7º ao 9º ano).

O tema foi selecionado para a região de Olaria, no Rio de Janeiro, por ser um local próximo ao tradicional bloco Cacique de Ramos e por haver muitas pessoas com este vínculo musical. A coordenadora da disciplina, Eliete Vasconcelos, conta que o projeto surgiu no início de 2013 e tem a música “como eixo norteador de ensino”. A escola funciona em horário integral, das 8 às 16 horas, e agrega a sua grade curricular, além de maior quantidade de tempos de Matemática, Língua Portuguesa, Ciências, dentre outras matérias, 6 tempos de música por semana, distribuídos em aulas com duração de 50 minutos nas práticas de teclado, percussão, flauta doce, violão, canto coral e musicalização.

A coordenadora explica que a escola é a primeira do país com este sistema de ensino vocacionado para a música. “O modelo surge diante da atual situação da educação no Brasil, resultado de variadas tentativas de mudança na infraestrutura escolar, a grande quantidade de alunos em defasagem, o baixo rendimento e a evasão escolar. Tendo como inspiração modelos de instituições de ensino da periferia dos EUA, a prefeitura



A primeira escola do país com sistema vocacionado para a música oferece aulas de teclado, percussão, flauta doce, violão, canto e musicalização





do Rio começa a implantar o sistema de escolas temáticas”, completa Eliete.

Segundo ela, enquanto os alunos têm uma maior quantidade de tempos de música, observa-se que sua evolução, antes vista como “problemática” ou com “dificuldade de aprendizado”, flui naturalmente. A escola, que atualmente recebe estudantes sem que haja uma seleção dos “bem-dotados musicalmente”, oferece um aprendizado de prática instrumental com igualdade. “Serve para validar inúmeras pesquisas na área de educação musical sobre dom, talento ou qualquer outro que aponte que habilidades musicais podem ser adquiridas por qualquer pessoa, mas, acima de tudo, oferece a alunos de realidades difíceis – tais quais as periferias de qualquer cidade grande – a possibilidade de vencer desafios, elevar a autoestima e acreditar em um futuro melhor para si e seus familiares”, completa. Contando atualmente com cerca de 280 alunos, a coordenadora musical afirma que os discentes “são capazes de executar, sem maiores dificuldades, o repertório dos mais diversos instrumentos”.

Colaboração: Jéssica Almeida

Escola Municipal Chile  
Praça Belmonte, 15 – Olaria –  
Rio de Janeiro/RJ  
CEP: 21073-010  
Tel.: (21) 3885-2181  
E-mail: emchile@rioeduca.net  
Diretora: Eliane Lotério  
Coordenadora Musical: Eliete Vasconcelos  
Fotos cedidas pela escola





# Contação de História é coisa séria!

Sandra Martins

Simpósio Internacional mescla entretenimento e formação de docentes

**N**ão há quem não se renda a uma boa contação de histórias, que envolva suspense, contos de fadas, de bichos e por aí vai. O certo é que contar histórias, além de ser divertido, é também coisa séria. É uma arte que deve ser valorizada como atividade espontânea e intuitiva do povo brasileiro e suas variadas culturas. Este é o conceito do Simpósio Internacional de Contadores de Histórias que, em sua 12ª edição, incorporou o nome *Histórias sem Fronteiras*, e foi realizado no Teatro Popular Oscar Niemeyer, em Niterói, entre 5 e 9 de fevereiro.

A programação de atividades é bastante intensa, incluindo o Mercado da Palavra – feira de livros com um palco livre e microfone aberto às narrações – e a tradicional Maratona de Contos, em que os contadores – brasileiros e de cinco países (Portugal, Espanha, Argentina, Colômbia e Cuba) – se revezam para completar 24 horas seguidas de narração de histórias. Nesta edição, uma novidade, por conta da parceria institucional com a Secretaria Municipal de Educação, Ciência e Tecnologia: o “Encontro com os Profissionais da Educação da Rede Municipal de Niterói”.

De acordo com Benita Prieto, idealizadora do evento, que juntamente com Júlio Diniz assina a curadoria, o simpósio criado em 2002 é uma ação cultural e educativa, com vistas à disseminação da tradição de contar histórias, formação de plateias, divulgação e promoção da literatura oral e escrita. A bagagem acadêmica e profissional, com visões plurais e diferentes perspectivas e práticas dos palestrantes, permitiu uma formação mais ampla e integrada com outras áreas do saber para a rede municipal de ensino de Niterói, como as equipes da Biblioteca, Gestão e Formação Continuada, Anos Iniciais e Educação Infantil.

O simpósio foi dividido em dois blocos temáticos: formativo e entretenimento. Concebidas para contribuir com a qualificação profissional, as atividades formativas (oficinas, mesas-redondas, sessões de filmes seguidas de debates e aulas-espetáculo) foram dispostas conforme o segmento de atuação dos educadores: Creches, Educação Infantil, Ensino Fundamental (1 e 2), Ensino Fundamental (3 e 4) e Educação de Jovens e Adultos.



A entrega do troféu Sinhá Olímpia marcou a abertura do evento. Os premiados foram a escritora, cantora, compositora e contadora de histórias Bia Bedran e o Centro Teatral e Etc. Também houve lançamento do livro digital “Mínimos Contos”, e-book com os 30 vencedores do concurso que propôs a criação de histórias de suspense com até 140 caracteres (<http://www.simposiodecontadores.com.br/default.aspx?code=92>) e um delicioso bate-papo sobre um dos maiores cantadores da música popular brasileira: Dorival Caymmi. Para homenagear este compositor, intérprete e artista plástico, que em abril faria cem anos, participaram seu filho Danilo e a neta Stella – filha de Nana –, que publicou textos sobre a biografia do avô no livro “Dorival Caymmi – Acontece que ele é baiano” (Repsol Sinopec/19 Design e Editora).



Bia Bedran recebe homenagem, o troféu Sinhá Olímpia

## OFICINAS

Construídas com o propósito de despertar o desejo de narrar e aprofundar o conhecimento sobre o assunto, as oficinas se dividiram em duas modalidades, uma aberta ao público em geral e outra restrita aos professores da rede pública niteroiense no âmbito da formação continuada. Mas todos os grupos foram contemplados com a presença de profissionais renomados.

Entre osicineiros convidados, o cubano Aldo Méndez, que se propôs a refletir que experiências e vivências sustentam o contador de histórias e sua arte. O filósofo de formação buscou aflorar a sensibilidade dos presentes na perspectiva de localizar e sentir a “raiz que torna verdadeiro o conto que contamos”. Segundo José Tadeu Costa, professor que representou a Secretaria Municipal de Educação de Nova Friburgo, todas as oficinas foram excelentes, mas “a de Aldo foi insuperável. Ele utilizou dinâmicas para que pudéssemos expor nossa sensibilidade. E, com isso, muitas emoções explodiram, ora um chorava, ora outro gargalhava: uma loucura maravilhosa”, disse o educador, contente com a experiência e os novos aprendizados.

A argentina Liliana Cinetto abordou os quatro pilares da narração oral – a voz, o corpo, o espaço e o texto. Por meio de dinâmicas, os participantes experimentaram técnicas e recursos para

narrar contos. A escritora de livros para crianças, cuja obra foi traduzida para vários idiomas, ressaltou que a voz é muito importante para o contador, pois ela remete a várias associações, fazendo com que a imaginação “acorde”. “Ele é um ‘médium’ que desaparece para que a história possa emergir. O contador só aparece na hora dos aplausos”, disse ao salientar que isto sim é fazer a conexão com o público.

O brasileiro Ilan Brenman em sua oficina “Formando leitores dentro de casa: caminhos para aproximar crianças e jovens dos livros” tratou de questões que iam ao encontro das angústias dos professores: Por que meus alunos e filhos não gostam de ler? O que são livros de qualidade? Para o escritor, é fundamental disponibilizar boas obras, bons conteúdos às crianças desde tenra idade. “Não adianta dar livros de R\$ 1,00 e achar que está contribuindo para um bom leitor”, disse ao alertar para os (pre)conceitos imersos nessas publicações distribuídas para as creches. Com o conto “Carne de Língua” ele alertou para as escolhas



Perses Canellas com Aldo Méndez



que fazemos no açougue da vida, pois há carne de língua de 1ª ou de 5ª categorias. “O ser humano não deve ser alimentado com os *fast-foods* simbólicos, caso contrário, ele estará sendo fadado a virar um zumbi. O mesmo se aplica ao aluno, carente de alimentação de qualidade. Que tipo de banquete (e saber) devemos oferecer a eles? Isso faz parte do processo de construção de um leitor”.

As características narrativas e a contextualização histórica dos mitos, das fábulas, dos contos de fadas e como trabalhar com elas foram o tema da oficina da brasileira Ana Luísa Lacombe. A premiada atriz e contadora de histórias tratou também das relações afetivas e psicológicas destas narrativas, como elas atuam no ser humano. Segundo ela, em geral, são encontrados os arquétipos nos contos de fadas, de forma explícita ou implícita, que as crianças identificam com facilidade. Nas histórias de terror, por exemplo, a turma miúda elabora os medos vividos na história. “O mundo simbólico são as ferramentas para lidar com o mundo real. Este medo é controlado. Ao ouvir uma história, a criança imagina até onde quererá imaginar, caso contrário ela dorme, se desconecta”, ensina Ana Luísa.

A arte de contar histórias e os desdobramentos na educação, em especial no que tange à construção identitária, foram temas da oficina “De conto em conto se chega à África”, com a *griot* Perses Canellas. A especialista em contação de histórias africanas apresentou contos do continente visando a preservação da memória e de tradições culturais que lá se originaram.

O diferencial desta oficina foi a preparação do espaço com imagens, tecidos, bonecos, que remetem às culturas negras. Um painel com fotografias mostrava variados tipos de tons de pele e de penteados de cabelos. Alguns bonecos usavam roupas africanas e uma estava caracterizada de princesa, enquanto um bebê negro enrolado em uma manta chamava a atenção. A exposição tinha como objetivo mostrar ao docente as inúmeras possibilidades de se trabalhar a identidade racial da criança negra (preta e parda, conforme classificação étnico-racial do IBGE) em sala de aula, de forma lúdica.

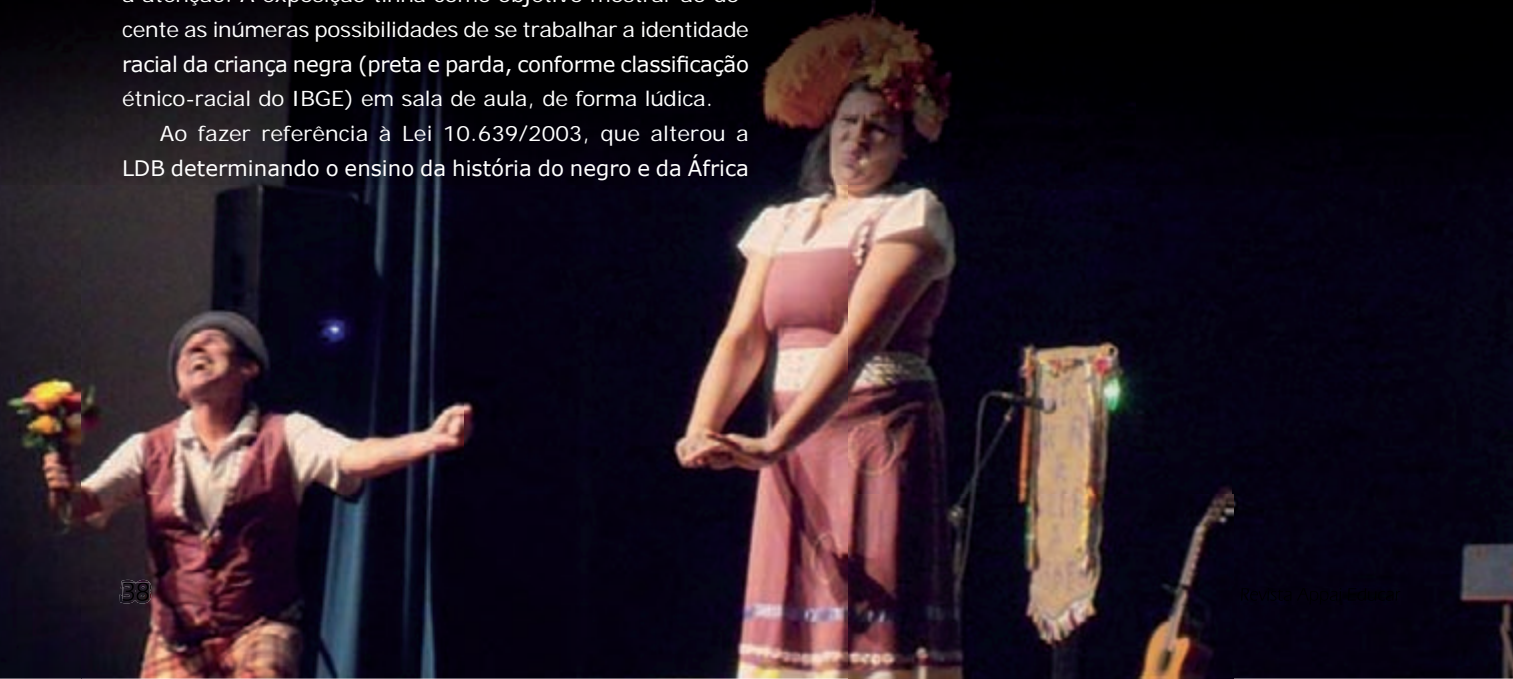
Ao fazer referência à Lei 10.639/2003, que alterou a LDB determinando o ensino da história do negro e da África




no currículo escolar, Perses ressaltou que todos os espaços da escola, do portão à diretoria, integram a comunidade escolar, portanto fazem parte do currículo da escola. Sendo assim, ela questiona qual o motivo de os murais das escolas não contemplarem a família negra: “Será que uma mãe não pode ser negra?”

“Tudo é o olhar...”, afirmou delicadamente ao apontar para os livros infantis cujos personagens mostram princesas e crianças negras. A *griot* sugeriu que as professoras das creches colocassem um espelho, mesmo pequeno, numa parede ao alcance das crianças. E ao redor espalhassem imagens de pessoas com variados tipos de cabelos e tons de pele. “Peguem a Revista Raça e garimpem, sempre acharão fotos de artistas, crianças. É um exercício do ver a si próprio e aos outros. Isto é trabalhar com a diversidade de forma positiva”.

Outra recomendação da contadora de histórias foi a busca de informações sobre a existência de trançadeiras nas comunidades do entorno da escola. Assim, poderia ser







feito um convite formal para que a profissional participasse de uma oficina sobre seu ofício com as crianças e seus pais e responsáveis. Esta é uma forma de desencadear um processo positivo da autoestima, por meio da afetividade, tanto das crianças, quanto da comunidade escolar, e também a construção de uma relação positiva com o entorno.

Para a jovem estudante de Pedagogia da UFF, Thayssa Menezes, 22 anos, todos os conceitos e técnicas transmitidos por Perses apresentam resultados quase que imediatos. A começar com o comportamento de alguns alunos, de um modo geral apáticos, arredios ou violentos e exibicionistas reforçando estereótipos, tendendo a revelar diferentes graus de dificuldades. Trabalhados adequadamente, se transformaram, como num renascimento de um novo ser. “Isso aconteceu comigo. Quando fui estudar na turma da professora Perses, eu renasci. Ela dava aulas na 5ª série do Ensino Fundamental no Iepic (Instituto Estadual Professor Ismael Coutinho). No colégio, mesmo havendo meninas negras, eu me sentia discriminada por não alisar meus cabelos crespos e ficava retraída num canto. Ao contar uma história sobre princesas, a professora Perses me chamou para encarnar a personagem principal. Foi mágico: aliás, como tudo naquela sala, enfeitada de imagens de pessoas negras, com a história das realizações do povo africano em todas as áreas do conhecimento. Um lugar em que tínhamos liberdade para aprender, perguntar, discutir e sermos pessoas inteiras”, disse emocionada a estudante universitária e professora contratada da Unidade Municipal de Educação Infantil (Umei) Maria José Mansur Barbosa.

Este é o resultado de se trabalhar com o afeto, eleva-se a autoestima. Parece uma obviedade, mas é um conceito que precisa ser fortificado, em especial no trato da construção da identidade da criança. Para ilustrar este conceito, Perses narrou uma experiência replicável. Numa contação de histórias para alunos da Educação Infantil, ela utilizou um boneco de bebê negro, que acalentava. A contadora perguntou se alguém queria segurá-lo: todos quiseram. Com muito cuidado, as crianças passavam o boneco-bebê de mão em mão. E, ao final da aula, elas pediram para levá-lo para casa. Ela deixou, na condição de que na semana seguinte todos relatariam o que fizeram com ele. “Até banho ele tomou! Dormiram com ele. Usaram talco para que ficasse cheiroso”. Ela contou que já aconteceu de o boneco-bebê não retornar: “Certamente ele foi tão amado que deveria ficar lá, no novo lar. Não tem problema”. Ao finalizar a oficina, Perses Canellas solicitou que as pessoas refletissem sobre o poder da palavra. “A palavra é afeto. É vida. Está no Livro Sagrado: ‘No princípio era o verbo’. Saibamos lidar com ela”, concluiu.

Histórias sem Fronteiras – Simpósio Internacional de Contadores de Histórias – 2014  
Teatro Popular Oscar Niemeyer  
Rua Jornalista Rogério Coelho Neto, s/nº –  
Niterói/RJ  
CEP: 24020-011  
Curadoria: Benita Pireto e Júlio Diniz  
Site: [www.simposiodedcontadores.com.br](http://www.simposiodedcontadores.com.br)  
Fotos: divulgação





100 ANOS VINÍCIUS DE MORAES

# Releituras de Vinícius de Moraes

Sandra Martins

So**S**ob muitos aplausos e pedidos de bis, alunos de teatro do programa Mais Educação, do Colégio Estadual Machado de Assis (Cema), em Niterói, reapresentaram as peças “O Pato” e “Rosa de Hiroshima”, que integraram o projeto *Revivendo Vinícius de Moraes*, uma homenagem ao seu centenário.

Ao entrar no colégio, um painel com uma caricatura gigante do poeta, produzida pelo aluno Lucas Oliveira da Costa, convidava os presentes a caminhar pelo corredor da poesia com poemas caindo pelo teto e paredes ornadas com mais versos e muitas pinturas. Segundo a professora de Língua Portuguesa Danielle Dias Bandeira de Melo, a proposta deste corredor é que a poesia contamine quem por ali passar.

Nas aulas de Produção de Texto, com a professora Elzira Pedrosa, os estudantes puderam brincar com as palavras, com as rimas, com as criações de Vinícius. “A poesia despertou interesse nos alunos”, disse Danielle. Algumas das frases que mais chamaram a atenção dos jovens foram colocadas em tiras de papel e penduradas por fios de náilon presas no teto no corredor da poesia: “Que me desculpem as feias...”, “Eu sei que vou te amar, por toda a minha vida...”, “O sofrimento é o intervalo entre duas felicidades”, “Amai, porque nada melhor para a saudade que um amor correspondido”, entre outras.

Para incentivar os jovens a conhecerem o legado do poeta foram utilizadas variadas linguagens e técnicas para que os estudantes pudessem ter elementos para reler alguns aspectos de sua obra: teatro, coral, música, pintura, claro, tudo tendo como suportes a contextualização histórica e muita criatividade.

de. Nas aulas de Artes e Produção de Texto, fizeram releituras da música “Garota de Ipanema”, tendo como resultado belas paródias e pinturas com prolongamento do cenário. Na disciplina de Inglês, os alunos elaboraram um *Facebook*, por cujo conteúdo eles próprios são os responsáveis.

O burburinho não cessava de tanta expectativa para o início das atividades culturais. Afinal, não é sempre, segundo Gleice Mendes – ex-aluna daquela unidade escolar e estagiária de Ciências –, que o Cema realiza atividades culturais. Arrumadas as cadeiras, todos buscavam o melhor ponto para acompanhar o “palco” onde ocorreriam as apresentações de teatro, dança, declamações e música.

O sinal foi tocado pelo professor de teatro do programa Mais Educação, Jean Bodin, por três vezes, anunciando que a hora das apresentações havia chegado e que o silêncio era fundamental. A música “Rosa de Hiroshima” foi encenada por um grupo de meninas, que mesclou dança e declamação, para mostrar que a bomba atômica quando explode acaba com a vida dos seres humanos, tal qual estão fazendo com as catástrofes que ocorrem no Brasil, em especial, no Rio de Janeiro. E fizeram menção à tragédia do Morro do Bumba, em que milhares de histórias foram soterradas por toneladas de detritos, e cujos sobreviventes ainda continuam ao desamparo.

Com a dramatização de “O Pato”, na qual foram feitas relações com figuras da comunidade, buscou-se discutir a questão da violência doméstica fazendo-se alusão à Lei Maria da Penha. Mas tudo feito de uma forma hilária, que agradou tanto, que teve de ser encenada mais duas vezes, tamanho o sucesso.



Alliás, bastante aplaudida também foi a *performance* do coral dos estudantes cantando “Garota de Ipanema”, “Aquarela do Brasil”, entre outros sucessos. A batuta ficou por conta do professor de História Rogério Machado Garcia. “Os alunos é que criaram novos arranjos musicais. A proposta era de que eles fizessem uma releitura a partir do seu próprio repertório. Ou seja, do que estão habituados. Daí ter saído este ‘sambaxé’, uma invenção que ficou ótima”, ressaltou Rogério.

Para a diretora-geral, Karla Cristina Coelho Corrêa, o teatro foi a grande liga deste projeto. Integrou alunos do Ensino Fundamental do 6º ao 8º anos, assim como trouxe uma energia mobilizadora e agregadora bacana. “Os professores foram se engajando. Ficaram empolgadíssimos com o dinamismo com que o trabalho foi feito a partir do que o teatro possibilitou”, disse Karla.

De acordo com Bodin – formado em teatro na Casa de Artes de Laranjeiras (CAL) –, havia uma falta de compromisso no universo da escola, desmotivação. As aulas de artes cênicas ajudaram a criar um vínculo na comunidade. Foram trabalhados técnica teatral, movimento de palco e expressão corporal.

Com dois anos coordenando o teatro escolar, Jean Bodin identificou os grandes desafios para depois buscar soluções e parcerias. Entre os grandes problemas estão o desrespeito por si e pelo outro, ou seja, foi necessário trabalhar intensamente valores como formação do indivíduo, cidadania, papel na sociedade, escuta, respeito ao fazer coletivo, compromisso.

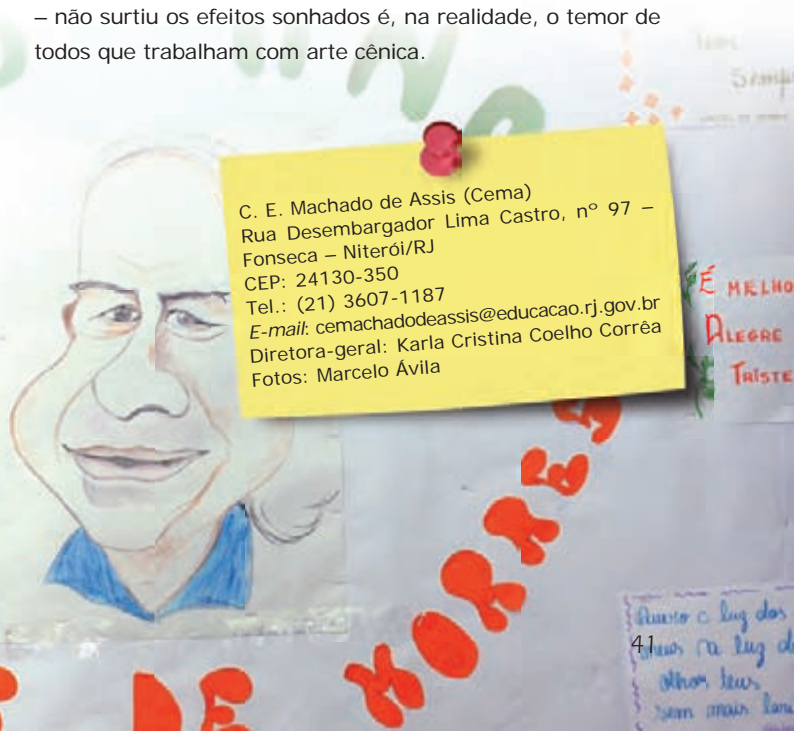
Tarefa nada fácil, para a qual ele conta que se utilizou de várias técnicas para fazer aflorar a sensibilidade, para expressar sentimentos e emoções. Usou recortes de jornais, a fala, a leitura, o incentivo ao respeito e como saber se comunicar,



quadrinhos, jogos lúdicos, contação de histórias, técnicas de teatro. Algo que pode demonstrar o envolvimento dos alunos é o fato de muitos deles morarem em áreas de risco, sob extrema fragilidade, mas, mesmo assim, terem compromisso em levar os figurinos e adereços.

Jean disse que os jovens estavam com muito medo e questionaram: “E se ninguém aplaudir, o que vamos fazer?”. Eles são adolescentes e precisam da opinião dos professores, dos colegas, aceitação e incentivo de todos para continuarem a se expor de forma positiva”, citou o professor, ao lembrar a felicidade nos semblantes de seus alunos-atores quando vieram as palmas e pedidos de reapresentações.

O medo de não agradar e ver que o investimento na montagem de uma peça – com os inúmeros ensaios, a produção de figurinos, a maquiagem, a concentração, a exposição pessoal – não surtiu os efeitos sonhados é, na realidade, o temor de todos que trabalham com arte cênica.





# Roda de Saúde

Bem-estar através de diferentes formas de desintoxicação

**V**ocê sabe o que é detox? Esse é um assunto que está muito presente no cotidiano e vem levantando muitas dúvidas. Para esclarecê-las e conscientizar associados e funcionários, a Appai abordou a questão na quarta edição da Roda de Saúde, um projeto do Saúde 10 que surgiu no final do ano passado, com objetivo de atuar na promoção de comportamentos saudáveis. A cada edição é focalizado um tema diferente e as rodas acontecem, geralmente, uma vez por mês.

Antes de explicar o que é e como funciona a detox, vamos entender como esse mal chega até o organismo. A nutricionista da Appai Raquel Azevedo explica que muitas coisas podem intoxicar nosso corpo, como alimentos industrializados, cerveja, carne, o excesso de leite e seus derivados, além de problemas ligados ao sono, exercícios físicos em demasia.

Tudo isso faz com que o corpo fique intoxicado e comece logo a apresentar certos sinais. Como as "articulações ficam mais duras, o sono passa a não ser tão restabelecedor, a pessoa acorda com as pálpebras e os dedos inchados, alergias começam a aparecer, a memória fica ruim, o cansaço é muito comum, além dos problemas de libido. Acordar sem fome é outro indicativo clássico de se estar intoxicado. E a fome só aparece lá no final do dia", esclarece a nutricionista.

Com isso, surge a necessidade de fazer uma espécie de limpeza no organismo. A chamada dieta de desintoxicação ou detox é um tratamento que vai estimular a eliminação de toxinas. O corpo desincha e o metabolismo começa a trabalhar melhor. A nutricionista da Appai explica que o processo deve ser feito em momentos pontuais.





A psicóloga da Appai Ieda Herculano explica as questões emocionais ligadas à dieta de desintoxicação

“Ninguém vive de desintoxicação. Ela deve ser realizada, por exemplo, em datas festivas como o Natal ou toda vez que o corpo começa a apresentar sintomas como os citados acima”, completa.

Essa “faxina” no organismo pode ser feita em casa mesmo. Para começar substitua os alimentos industrializados por verduras, legumes, grãos, sementes, uma alimentação saudável. Dê preferência aos produtos que vêm da feira. Couve, brócolis, frutas vermelhas, sementes como linhaça e chia, castanhas, quinoa são grandes aliados da dieta. Trata-se de uma alimentação natural, sem corantes, conservantes ou produtos químicos. A nutricionista explica que a detox não é só para quem come carne. “Carnívoros ou vegetarianos, ninguém está livre das toxinas”, completa.

De acordo com Raquel, essa “faxina” é ainda mais importante para aquelas pessoas que têm o intestino preguiçoso, “pois elas não conseguem eliminar adequadamente as toxinas”, explica. O fisioterapeuta da Appai Hugo Pimpão conta que, além das causas citadas acima, acrescentaria mais uma: a oscilação de humor, que também é muito prejudicial. O que devemos procurar é um equilíbrio em todas as áreas de nossa vida!”, aconselha o profissional.

Porém, conforme relatado pelos associados, muitas vezes com a correria do dia a dia ou até mesmo pela falta de motivação, a pessoa não consegue fazer a dieta por muito tempo. O associado Sylvio de Abreu Junior afirma que é muito difícil abrir mão de algumas coisas que são prejudiciais por outras mais saudáveis. “Gosto muito de cerveja, de comer besteiras. Alguns anos atrás, sabia que precisava emagrecer e que deveria me preocupar com a minha saúde,

mas eu não estava nem aí. Depois de um tempo, com o auxílio da Appai, através das caminhadas e corridas e do Saúde 10, fui evitando consumir certas coisas e consegui mudar alguns hábitos de alimentação. Não foi fácil! Mas, depois que perdi alguns quilos, algumas roupas que eu não usava mais estavam me servindo, o que acabou se tornando um incentivo. Quando a pessoa acostuma, começa a ver a vida de uma outra forma, e o alimento saudável passa a ter outro sabor”, conta o associado.

A psicóloga da Appai Ieda Herculano explica que, quanto mais consumimos refeições hipercalóricas, “maior dificuldade teremos em abandoná-las e seguirmos uma alimentação mais saudável. O cérebro libera dopamina e o resultado é uma sensação de prazer que acaba em minutos. Aí a pessoa sequer sente essa emoção de novo”, completa. Segundo ela, algumas pesquisas recentes afirmam que, quando alguém faz alguma coisa repetidamente e de forma pontual, depois de aproximadamente 40 dias essa repetição se torna um hábito. “Então no início a gente sente como se fosse algo cansativo e desagradável, mas depois disso se torna comum e prazeroso”, afirma.

Para acompanhar os próximos temas e/ou participar, fique de olho no *site* da Appai ou na página oficial no *Facebook*.

Colaboração: Jéssica Almeida





# Escola é lugar de conhecimento com diversão

Professora de Educação Física utiliza brincadeiras, jogos e cantigas no desenvolvimento de conteúdos que favoreçam a criatividade e valorizem a cultura corporal dos educandos

**H**á dois anos, a professora Ana Paula Santos utiliza cantigas de roda, jogos e brincadeiras populares como um instrumento de trabalho. Ela buscou inspiração nas teorias de Piaget, Wallon e Vygotsky, grandes pensadores da Educação, para desenvolver os projetos *Nossas Brincadeiras* e *Cantigas de Roda*. Ela parte do princípio de que “boa parte da comunicação das crianças com o ambiente se dá por meio da brincadeira e que é dessa maneira que elas se expressam culturalmente”.

Segundo a educadora, que é mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, o objetivo do projeto *Nossas Brincadeiras* foi possibilitar aos alunos a vivência das diversas formas de diversões e jogos populares presentes na cultura brasileira. Já com o *Cantigas de Roda* o objetivo específico foi estimular os estudantes a desenvolverem movimentos e a reconhecerem as cirandas e a dança como formas de linguagem.

Os dois projetos foram desenvolvidos na E. M. Atenas e tiveram como público-alvo alunos da Educação Infantil e do primeiro e segundo anos do Ensino Fundamental. Na primeira etapa do projeto *Nossas Brincadeiras* foi feito um mapeamento para identificar quais os folguedos e jogos que as crianças conheciam. “Pedimos que elas perguntassem aos parentes mais velhos quais brincadeiras eles haviam vivenciado na infância. Em uma roda, os estudantes relataram suas descobertas. Também apresentamos o quadro ‘Jogos Infantis’, de Pieter Bruegel, para que eles pudessem observar e identificar algumas atividades. Em seguida, pedimos que registrassem em forma de desenho as brincadeiras e jogos que conheciam para que pudéssemos construir o nosso quadro de diversões infantis”, relata Ana Paula.

Após o mapeamento, foram criadas condições para que os alunos vivenciassem todas as atividades identificadas, como corridas, pula corda, roda, brincadeiras de pular e com bola. De forma parecida, o processo de desenvolvimento do projeto *Cantigas de Roda* teve início com uma entrevista coletiva onde a professora procurou identificar quais cirandas e cantigas estavam presentes na cultura das crianças. Assim, foi possível notar que canções como “Atirei o pau no gato”, “Ciranda cirandinha” e “Teresinha de Jesus” ainda



Marcela Figueiredo



A professora acredita que, por meio das brincadeiras, as crianças desenvolvem movimentos e reconhecem as cirandas e a dança como formas de linguagem





faziam parte do repertório dos educandos. Feito esse levantamento, a próxima etapa foi possibilitar a troca de experiências entre eles para que assim conhecessem outras músicas, novos movimentos e formas de interação.

Segundo a professora, os alunos do primeiro e segundo anos demonstraram grande interesse em participar das atividades propostas e foi possível notar a ampliação do seu repertório motor. "Através dos relatos, percebemos que os educandos aprenderam novas formas de se divertir e compartilharam o conhecimento com pessoas que estão fora do contexto escolar", conta a professora.

Na Educação Infantil, a professora observou que os alunos foram capazes de compreender as mensagens contidas nas cantigas, criar movimentos nas rodas, perceber diferentes formas de interação e ainda aprenderam a coordenar movimentos com o ritmo. "O resultado mais significativo do projeto foi fazer com que as crianças percebessem as músicas e as brincadeiras como uma forma de manifestação da cultura. Conseguimos valorizar as diferentes atividades e desmistificar alguns estereótipos", completa Ana Paula.

Escola Municipal 09-18-004 Atenas  
Rua Gentil de Ouro, s/nº – Bairro Maria  
Luíza – Inhoaíba – Rio de Janeiro/RJ  
CEP: 23063-340  
Tel.: (21) 3394-1909  
E-mail: ematenas@rioeduca.net  
Diretora: Márcia de Barros Salgado  
Fotos cedidas pela escola





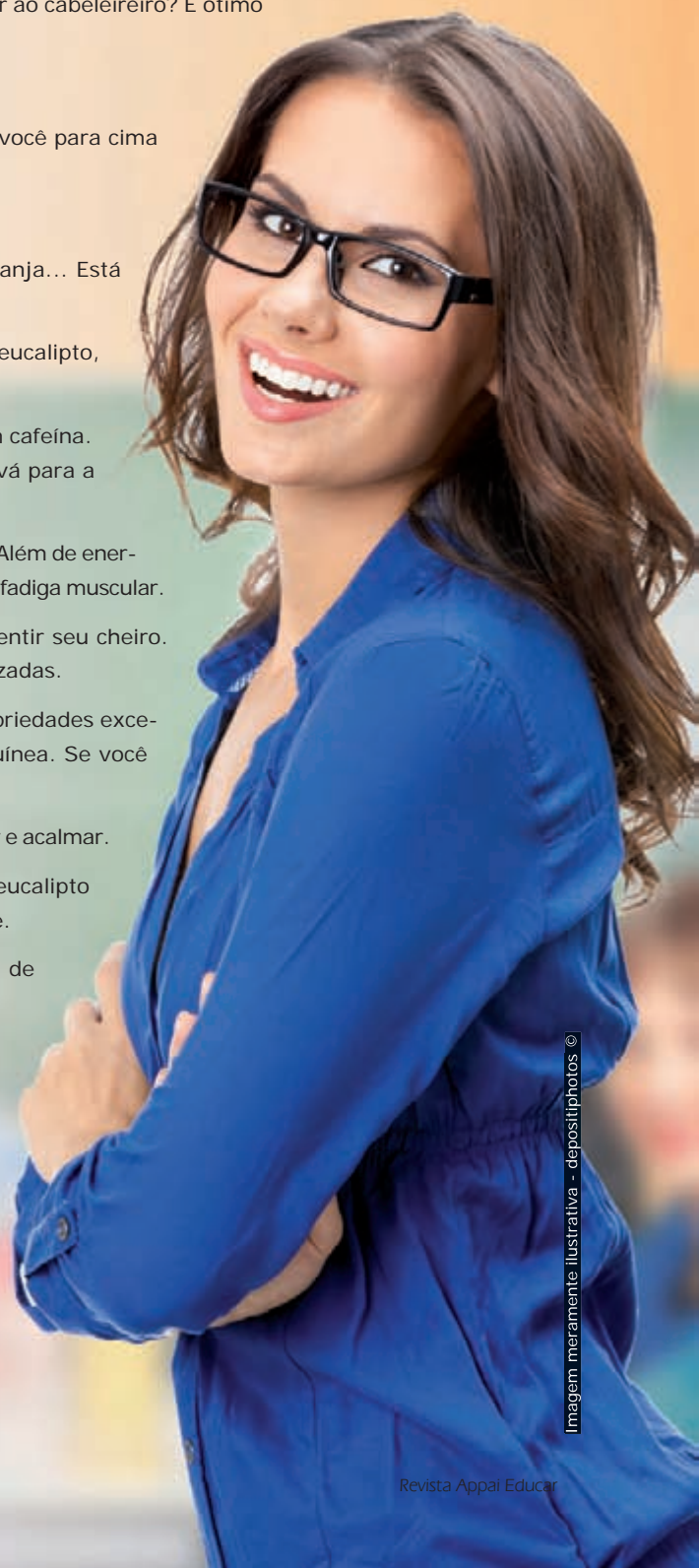
# Alto-astral

Não se desespere se você está vendo tudo cinza. Melhorar o humor não é impossível. Siga essas pequenas dicas e descubra que a felicidade está logo ali, bem ao alcance de suas mãos.

- 1** Mude o visual. Se você não gosta do que vê no espelho, que tal ir ao cabeleireiro? É ótimo para quem está com a autoestima em baixa.
- 2** Esqueça os sapatos fechados e use sandálias.
- 3** Ria muito. Uma boa gargalhada combate o mau humor, coloca você para cima e ajuda a ver os problemas que têm solução.
- 4** Coma um chocolate e não se sinta culpada.
- 5** Use *lingeries* coloridas. Ou uma echarpe amarela, um tênis laranja... Está mais do que provado: as cores irradiam energia.
- 6** Mergulhe seus pés cansados em uma bacia de água morna com eucalipto, hortelã e alecrim. É relaxante.
- 7** Reduza inibidores do sono, como álcool ou produtos que tenham cafeína. Uma noite bem descansada é essencial. Aproveite, então, e vá para a cama 15 minutos mais cedo. Você vai notar a diferença.
- 8** Beba suco de tomate meia hora antes de fazer qualquer exercício. Além de energizante, a fruta possui propriedades que promovem o combate à fadiga muscular.
- 9** Descasque uma laranja, limão ou tangerina e aproveite para sentir seu cheiro. Os aromas cítricos tornam as pessoas mais alegres e energizadas.
- 10** Mergulhe no mar sempre que puder. A água salgada tem propriedades excelentes para combater a fadiga e melhorar a circulação sanguínea. Se você não mora no litoral, tome um banho de sal grosso.
- 11** Beba chá de menta, que tem a capacidade de fazer você levantar e acalmar.
- 12** Encha a casa de aromas: capim-limão, gerânio, patchuli e eucalipto podem ser colocados em sachês ou jogados em água quente.
- 13** Leve o cachorro para passear. Relacionar-se com animais de estimação relaxa.
- 14** Ligue o som pela manhã, enquanto você se prepara para sair de casa. Aí vale o gosto pessoal de cada um – de MPB a *dance music*. Evite as músicas do tipo “dor de cotovelo”.
- 15** Use maquiagem. Se você mesma não suporta mais suas olheiras, imagine os outros. Boa aparência é sinônimo de autoestima elevada. E não precisa muito: corretivo, batom e delineador.

Professora:

Sandra Gomes Ferreira – Educadora do Município e do Estado.







# A higiene bucal que funciona

## Desenvolvimento

**1ª etapa** — Inicie o trabalho organizando a palestra de um dentista para os familiares das crianças. Convide o grupo a discutir como cuidamos da boca, que materiais usamos para higienizá-la e quais as principais recomendações nessa tarefa.

**2ª etapa** — Durante o ano letivo, reserve um momento para um encontro entre o dentista e cada turma. Para que eles façam descobertas por conta própria, distribua espelinhos de mão, possibilitando que explorem gengiva e dentes.

**3ª etapa** — Organize a rotina da atividade levando em conta os horários, o número de turmas e o total de crianças por classe. As instalações são suficientes para todos? É preciso estabelecer rodízio de horários? Combine com cada professor a estratégia mais adequada.

**4ª etapa** — Hora de preparar o material e o ambiente da escovação. No banheiro, o ideal é ter uma pia adequada à altura da criança, com um espelho grande o suficiente para permitir que em torno de quatro ou cinco delas possam escovar os dentes ao mesmo tempo. As escovas, macias e de cabeças pequenas, devem ser trocadas a cada três meses para evitar que as cerdas tortas prejudiquem a escovação. Prefira pastas sem flúor – crianças pequenas são mais suscetíveis à fluorose, intoxicação por excesso de flúor que causa manchas brancas nos dentes e o enfraquecimento deles. Por fim, providencie porta-escovas individuais e devidamente identificados, que mantenham as escovas secas e arejadas.

**5ª etapa** — Durante a rotina da escovação, forme grupos de no máximo cinco integrantes para dedicar atenção individual e garantir que todos escovem de verdade. Quando um deles trocar a escova com um colega, não desinfete nem use produtos para limpar. O correto é jogar fora por causa do risco de transmissão de doenças. O enxague também não deve ser coletivo: a bactéria que causa a cárie pode ser transmitida por objetos que entram em contato com a boca. Por isso, utilize copos descartáveis.

**Objetivo:** Ensinar hábitos de higiene bucal para crianças.

**Classe:** Creche.

**Material necessário:**

Espelinhos de mão, escovas de dente, pastas sem flúor, porta-escovas e copos descartáveis.

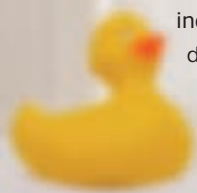
**Tempo estimado:** O ano todo.

## Avaliação

Verifique o quanto as crianças estão mais independentes e conscientes da importância da escovação. Elabore um diário com fotos dos momentos vivenciados, possibilitando que cada uma sugira registros sobre as novas experiências, contando o que aprendeu. Esse diário pode ser complementado pelos pais que participarem do projeto, relatando como é a escovação em casa.

**Consultoria:** Damaris Gomes Maranhão

Consultora de Saúde e Professora de Enfermagem da Unisa.





# Qual é a graça?

Uma aula de combate ao racismo na escola

“**M**acaco, neguinho, feijão queimado, crioulo, carvão, urubu”. Assustado com esses e outros apelidos racistas usados por seus alunos, o professor de Biologia Luiz Henrique Rosa criou no quintal da Escola Municipal Herbert Moses, na Zona Norte do Rio, o projeto *Qual é a graça?* Com objetivo de conscientizar os alunos e homenagear as pessoas que viveram como escravas no Brasil e em várias partes do mundo, em particular as que conviveram com Manoel Congo, líder da Revolta de Vassouras.

O professor relata que, a partir da reportagem publicada na Revista Veja, em 1996, cujo título era “Escravidão – O passado que o Brasil esqueceu”, ficou sabendo de uma rebelião de pessoas que foram escravizadas no continente africano e obrigadas a trabalhar numa das fazendas de café do Vale do Paraíba, município de Vassouras, na primeira metade do século XIX.

Passados alguns anos, já em 2007, uma aluna relatou que tinha ido ao município e visitado o memorial feito para homenagear Manoel Congo, que liderou a Revolta de Vassouras. No ano seguinte, o professor também foi conhecer o monumento. “Resolvi me aprofundar sobre a revolta, fiz pesquisas pela internet, fui ao quilombo de São José da Serra, em Valença, e em Paty do Alferes, ambos no Rio de Janeiro”, completa.

Apesar de seu esforço, ele percebeu que as informações sobre a revolta eram escassas. “E as que estavam disponíveis na internet eram questionáveis. A ausência nos livros didáticos e de história, além do pouco conhecimento popular sobre o assunto, me mostraram o quanto seria difícil montar esse quebra-cabeça”, afirma Luiz. Em 2009, o professor voltou a Vassouras e participou da festa para homenagear Manoel Congo. “Foi lá que prometi a Manoel e a todos que foram escravizados que faria o possível para que a história deles fosse conhecida nos quatro cantos do Brasil”, lembra o educador.

Dito e feito! Nesse mesmo ano, o projeto começou a ganhar vida e recebeu o seu título: *Qual é a graça?*. Os estudantes criaram uma lista com os nomes das pessoas escravizadas no Brasil e em outras partes do mundo, em particular as que estiveram ao lado de Manoel Congo, e também uma outra relação com os apelidos racistas usados pelos alunos na escola. “O preconceito

O memorial construído nos fundos da escola é composto por uma parede de homenageados e pelo jardim temático, com diversas frutas, legumes e verduras relacionadas às disciplinas e ao contexto histórico estudado em sala de aula







um núcleo de estudos, onde são discutidos diversos temas. O memorial foi construído nos fundos da escola, em uma área de aproximadamente 306 m<sup>2</sup>, e é formado pela parede dos homenageados e pelo jardim temático.

Na parede dos homenageados, constam 227 pessoas escolhidas, cujos nomes foram gravados em mármore, na cor branca para homens e mulheres adultos, enquanto o de Concórdia, ainda uma criança,

estava em rosa. Para saudar os escravizados desconhecidos de várias partes do mundo, os mármore continham os dizeres: "Deus sabe seu nome", grafados, além de português, em espanhol, francês, inglês e em lingala (um dos idiomas falados no Congo).

Já no Jardim Temático foram construídos diversos espaços, entre eles o canteiro do pan-africanismo, com pimenta nas cores vermelha, amarela, verde e preta; o cemitério para abrigar os animais mortos que foram criados no colégio; uma fogueira, representando a união ao redor do fogo. O objetivo do professor era transformar o projeto em um espaço "dinâmico, vivo, orgânico, multidimensional, inter, multi, transdisciplinar, onde a carga de conhecimentos de todos os envolvidos seja fundamental para a sua existência", completa.

Para ele, não existe uma fórmula para o sucesso do projeto. "E nem deve haver, pois a magia do educar está justamente no caminho, no envolver, no estar junto, no sonhar junto. Não é a fórmula mágica que procuro e sim a mágica da fórmula", explica. Por isso, o professor acredita que, para alcançar os objetivos iniciais do projeto, seja necessário construir as atividades, estabelecer regras e parâmetros para avaliação de modo coletivo.

Colaboração: Jéssica Almeida

e a discriminação contra os negros são vivos e presentes na nossa sociedade, refletidos nas nossas salas de aulas, corredores e pátios. Uma dessas constatações está presente em uma lista com mais de 300 apelidos relacionados à questão racial negra, obtidos entre os nossos alunos na pesquisa realizada", afirma Luiz.

A partir da doação de peças históricas do professor, canalização de recursos oficiais e doações de todos da comunidade escolar, foram criados uma sala que recebeu o nome de Concórdia (nome da filha de Manoel Congo) e

Escola Municipal Herbert Moses  
Rua Cristiano Machado, s/nº – Jardim América – Rio de Janeiro/RJ  
CEP: 21240-470  
Tel.: (21) 3855-9566  
E-mail: emmoses@rio.gov.br  
Professor responsável: Luiz Henrique Rosa  
Fotos cedidas pela escola



# Uso da crase em numerais

Sandro Gomes\*

O uso da crase antes de numerais, sejam ordinais, cardinais, datas ou horas, é uma das questões que mais suscitam dúvidas em quem estuda ou escreve. Como é comum em nosso idioma, também aqui estão presentes as famosas “exceções”, que, além de confirmarem a regra, tornam um tanto complexo o assunto. Nada, porém, que uma boa lição de Língua Portuguesa não resolva. Vamos lá?

## Crase antes de cardinais

*O acontecimento foi relatado a duas juízas diferentes.*

Nesse caso o *a* é uma preposição decorrente da regência do verbo “relatar” (relatar a alguém) e não há a presença do artigo *a*. Mas se o complemento estiver determinado, aparecem o artigo *a* e o plural, e passa a ser necessário o uso da crase. Veja:

*O acontecimento foi relatado às (a [preposição] + as [artigo definido]) duas juízas presentes.*

## Crase antes de ordinais

A mesma lógica vale antes de ordinais. Veja os exemplos. *Vagas disponíveis para estudantes de 5ª a 8ª série.*

Não se emprega a crase nesse exemplo, mas se as séries estiverem determinadas...

*Os estudantes da 5ª à 8ª série da escola tiveram o melhor resultado.*

**Obs.:** Repare que no segundo exemplo há a presença do *da* antes do numeral, o que revela a existência do artigo definido.

## Crase antes de horas

A crase aparece antes de numerais que expressem horas. Acompanhe os exemplos.

*Às sete horas o sino soou na igreja. / A transmissão teve início às 17 horas.*

Mas há casos em que não cabe a crase. Observe.

*O padre esperou até as 7 horas. / Proibido o uso após as 22 horas.*

*O portal está liberado desde as 18 horas. / Funciona sempre entre as 8 e as 17 horas.*

*A estreia estava marcada para as 20 horas de domingo.*

Nos exemplos acima o *a* é artigo já precedido de preposições (*até, após, desde, entre e para*), não havendo junção de sons. Há ainda outra situação. Veja.

*O setor funciona de 13 as 17 horas. ou O setor funciona das 13 às 17 horas.*

**Obs.:** A fusão dos dois (*O setor funciona de 13 às 17 horas*) é inadequada.

## Crase antes de datas

Esse é certamente o mais simples caso de crase precedendo numerais, apesar de serem encontrados erros, inclusive em publicações de empresas ou instituições de prestígio. Nunca se deve usar a crase entre datas. Observe: *As inscrições estarão abertas de 21/07 a 30/8.*

Sobre emprego da crase em numerais é isso. Em breve voltamos a esse assunto. Até a próxima, pessoal!

\*Sandro Gomes é Graduado em Língua Portuguesa e Literaturas Brasileira e Portuguesa, Revisor da Revista Appai Educar, Escritor e mestrando em Literatura Brasileira.

Amigo leitor, dúvidas, sugestões e comentários podem ser enviados para a redação da Revista Appai Educar, através do e-mail: [redacao@appai.org.br](mailto:redacao@appai.org.br).





# Turma calada

O que fazer para incentivar a participação dos alunos

**A**lguns professores sofrem com o silêncio e a seriedade de seus alunos, o que acaba muitas vezes atrapalhando a aula, que normalmente exige uma dinâmica maior e participação dos Estudantes. O professor de Ciências Felipe Bandoni de Oliveira, do Colégio Santa Cruz, em São Paulo, conta que já passou por essa situação com seus alunos do EJA.

Ele conta que sua turma estava “travada”. Mas, segundo ele, não havia problema de desempenho, “pois eles executavam bem as tarefas que propúnhamos. Também não se tratava de uma questão de mau relacionamento dentro da sala, pois nunca soubemos de desentendimentos sérios ou brigas entre eles. No entanto, nunca apareciam dúvidas; as discussões acabavam mais cedo do que deveriam e os alunos se manifestavam muito pouco no coletivo. A classe era mais séria e mais calada que as demais”, explica o docente.

Segundo ele, isso não era bom porque, em muitas situações, desejava que os alunos expusessem suas opiniões e dificuldades. Pensando nisso, Felipe e outros professores decidiram promover ao longo do semestre algumas atividades, com intuito de dinamizar as aulas e tornar a participação dos estudantes mais expressiva. Por exemplo, na aula de Matemática, foi pedido que eles medissem coisas espalhadas pela sala. Na aula de Ciências, foram levados ao laboratório para manipular diversos materiais. Já na aula de Língua Portuguesa foi promovido um sarau, para que todos fizessem leituras em voz alta. E, para a turma que não tinha aula de Educação Física naquele semestre, foi organizada uma aula sobre capoeira.

Até a disposição das carteiras foi alterada em algumas atividades. Em vez das tradicionais fileiras, tudo foi arrumado em círculos, duplas, grupos. “No meu caso, pedi que os alunos

se organizassem formando uma “ferradura”. Além disso, ao formar grupos de trabalho, aproximamos as pessoas que normalmente sentavam distantes umas das outras, buscando sempre mudar os grupos a cada atividade”, conta o docente.

O professor de Ciências afirma que as ações não pararam por aí. “Outra iniciativa, que nós já havíamos organizado com outras classes, teve um efeito muito positivo nessa turma “travada”: a realização de um jantar coletivo. Cada grupo de alunos se organizou para preparar um prato, trazer para a escola e comer com os colegas”, conta Felipe.

Segundo o educador, essas atividades fizeram com que os estudantes se conhecessem mais, vivenciassem experiências diferentes e se comunicassem com mais frequência. Depois de um semestre de trabalho, posso dizer com tranquilidade que eles estão “destravados”, a participação aumentou, eles passaram a apresentar mais dúvidas e as discussões ficaram mais profundas. Toda a turma ganhou com isso!”, afirma.

Ele completa dizendo que não sabia se os alunos ficavam calados por medo, por desconfiança ou por seriedade excessiva. “É preciso reconhecer que é muito difícil encarar a volta à escola depois de adulto. Expor suas opiniões e dúvidas na frente de um grupo de pessoas desconhecidas não é fácil. É natural o medo de falar algo errado ou que desagrade os outros. Como mencionei, esse trabalho envolveu todos os professores e foi realizado através de um longo período. E o mais importante: é preciso respeitar o tempo dos alunos!”, declara Felipe.

Fonte: Nova Escola

O portal do associado oferece:



# FACILIDADES

comodidades

**Rapidez**  
**Segurança**  
**Praticidade**

Tudo isso  
para VOCÊ!

É só clicar  : [appai.org.br](http://appai.org.br)







# Agenda do Professor

## Benefício Educação Continuada

Inscrições: <http://www.appai.org.br/temas-educacao-continuada.aspx>

### Maio

#### Transtorno do Espectro Autista

**Data:** 29/05/2014

**Horário:** 8h30 às 12h30 - quinta-feira

**Objetivo:** apresentar os conceitos sobre o TEA, as diferentes metodologias de intervenção e as ações inclusivas nas escolas.

**Palestrante:** Rita Thompson

#### Gestão Escolar: Cenários e Questões

**Data:** 31/05/2014

**Horário:** 8h30 às 12h30 - sábado

**Objetivo:** contribuir para a formação inicial e continuada de profissionais da educação a partir dos debates e reflexões presentes no campo, cenários e questões da Gestão Escolar.

**Palestrante:** Gianine Maria Pierro

#### Manual dos Transtornos Escolares

**Data:** 17/06/2014

**Horário:** 8h30 às 12h30

**Objetivo:** proporcionar acesso ao conhecimento das formas de identificação dos principais transtornos escolares, suas características, efeitos e consequências; propiciar aos profissionais de educação lidar com os transtornos escolares na sala de aula e em todos os ambientes escolares.

**Palestrante:** Dr. Gustavo Teixeira

#### Interfaces Entre o Desenvolvimento da Linguagem Oral e Escrita

**Data:** 26/06/2014

**Horário:** 8h30 às 12h30

**Objetivo:** proporcionar aos profissionais de Educação o conhecimento dos estágios do desenvolvimento da linguagem oral, os quais se tornam imprescindíveis para o aprendizado do código escrito.

**Palestrante:** Kátia Badin

### Junho

#### Leitura Dinâmica e Memorização Aplicada

**Data:** 03/06/2014

**Horário:** 13h às 17h - terça-feira

**Objetivo:** estimular o melhor aproveitamento do tempo na leitura e a utilização e o desenvolvimento da memória natural e, através de uma abordagem prática sobre o assunto, envolver os participantes em simulações, vivências e desafios.

**Palestrante:** Ricardo Soares





*...nem todas as vítimas conseguem dar a volta por cima e acabam sofrendo diversas consequências...*

Diga não ao

*Bullying*



**A**gressões intencionais, verbais ou físicas, intimidações, ameaças, deprecições, feitas de maneira repetitiva, por um ou mais alunos contra um ou mais colegas, são considerados *bullying*. Esse termo tem origem na palavra inglesa *bully*, que significa valentão, brigão. E, segundo especialistas, o *bullying* pode acontecer em qualquer contexto social, como escolas, universidades, famílias, vizinhança e locais de trabalho. O que, à primeira vista, pode parecer um simples apelido inofensivo pode afetar emocional e fisicamente o alvo da agressão.

O *bullying* não é um fenômeno recente, pois na verdade sempre existiu. No entanto, o primeiro a relacioná-lo a uma palavra foi Dan Olweus, professor da Universidade da Noruega, no fim da década de 1970. Ao estudar as tendências suicidas entre os adolescentes, o pesquisador descobriu que a maioria desses jovens tinha sofrido algum tipo de ameaça e que, por isso, o *bullying* era um mal a combater. Com o passar dos anos, a popularidade do fenômeno cresceu e ele passou a ser debatido com mais frequência e em diversos meios, como internet, televisão, jornais, escolas etc.

De acordo com o doutor Gustavo Teixeira, autor do livro "Manual Antibullying", os agressores, geralmente, se julgam superiores e acreditam na impunidade de seus atos, e na maioria dos casos não são assim apenas no ambiente onde praticam a agressão: o problema pode vir de casa. Tendo uma relação familiar na qual tudo se resolve pela violência verbal ou física, ele acaba reproduzindo isso em outros ambientes. Já as vítimas do *bullying*, geralmente, são crianças tímidas,

retraídas, pouco populares ou com dificuldade em se defender e em pedir ajuda. Uma pesquisa da Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência (Abrapia) revela que 41,6% das vítimas nunca procuraram ajuda ou falaram sobre o problema, nem mesmo com os colegas.

Os alvos desse tipo de violência costumam apresentar particularidades físicas. As agressões podem ainda abordar aspectos culturais, étnicos e religiosos. Podendo também ocorrer com um aluno novato ou uma menina bonita, que acaba sendo perseguida pelas colegas. Como aconteceu com a modelo Jackie Turner. Ela conta que na época de escola era insultada por sua beleza, e as outras meninas ameaçavam cortar seu rosto e seu cabelo. Jackie recorda também que o abuso era tão ruim que tinha medo de ir à escola e quase desistiu do sonho de ser modelo. Ela afirma que costumava ser muito tímida e tinha receio de contar aos professores e à família, já que não queria preocupá-los. Como o *bullying* piorou, ela começou a recusar os trabalhos como modelo e se tornou menos sociável. Sua irmã gêmea, Shelly, sabia que algo estava errado e logo a verdade veio à tona. Mais tarde, em 2003, ela venceu o Miss Inglaterra e foi representar o país no Miss Mundo. Depois dessa experiência positiva, Jackie encoraja outras meninas a seguir seus sonhos e não deixar o *bullying* estragar seus caminhos.

Porém, nem todas as vítimas conseguem dar a volta por cima e acabam sofrendo diversas consequências, como prejuízo na autoestima, tristeza, falta de motivação, desinteresse pelos estudos, abandono escolar. "Em situações

"...na época de escola era insultada por sua beleza, e as outras meninas ameaçavam cortar seu rosto e seu cabelo. Jackie recorda também que o abuso era tão ruim que tinha medo de ir à escola..."



graves, com episódios depressivos, transtornos ansiosos podem ser desencadeados. Casos de suicídio podem ocorrer também”, afirma o Dr. Gustavo Teixeira. Já aquelas vítimas que conseguem reagir podem alternar momentos de ansiedade com agressividade. Para mostrar que não são covardes ou quando percebem que seus agressores ficaram impunes, os alvos podem escolher outras pessoas mais indefesas e passam a provocá-las, tornando-se alvo e agressor ao mesmo tempo.

De um modo geral, existem também algumas diferenças entre o *bullying* praticado por meninos e por meninas. As ações dos meninos são mais expansivas e agressivas, sendo mais fáceis de identificar. Eles chutam, gritam, empurram, batem. Já com as meninas o problema se apresenta de forma mais singela. Podem ser em forma de fofocas, boatos, olhares, sussurros, exclusão.

É comum se pensar que há apenas dois envolvidos no conflito: o autor e o alvo. Mas os especialistas alertam para um terceiro personagem responsável pela continuidade do conflito: o espectador, que é um típico testemunha dos fatos, pois não sai em defesa da vítima nem se une aos autores. Essa atitude passiva pode acontecer por medo de se tornar a próxima vítima “ou por indiferença, por ter dificuldade de identificar o sofrimento alheio”, completa Gustavo Teixeira.

De acordo com ele, o *bullying* é um grave problema presente nas escolas do mundo todo, “capaz de trazer consequências graves para o desenvolvimento psíquico de estudantes e para a formação de uma cultura pacifista, de conceitos éticos e de respeito entre todos”, afirma. Os estudos científicos internacionais mostram que cerca de 30% dos alunos de todo o mundo vivenciam essa violência. Segundo ele, os lugares onde o fenômeno ocorre com mais frequência são as escolas, principalmente nos horários de entrada e saída, intervalo entre as aulas e recreio escolar.

## Bullying nas escolas

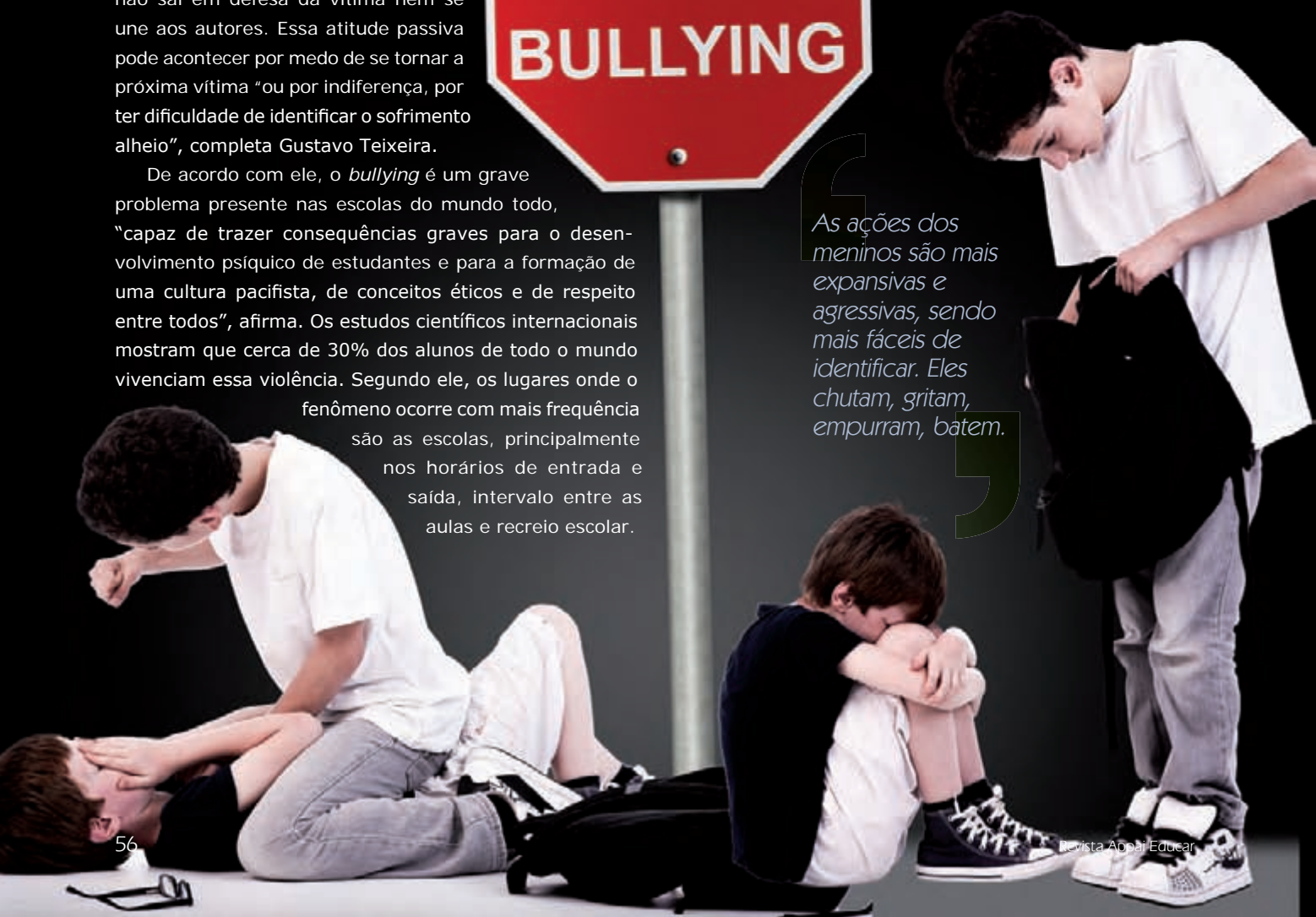
Por ser mais comum nas escolas, o *bullying* deve receber uma atenção redobrada nesse ambiente. Conforme falado anteriormente, as crianças ou adolescentes que sofrem *bullying* podem se tornar adultos com sentimentos negativos e com baixa autoestima. “Isso é uma realidade comprovada clinicamente no nosso dia a dia e também nos diversos estudos científicos sobre o tema”, afirma Gustavo. Ele explica que há uma tendência de as escolas não admitirem a ocorrência de *bullying* entre seus alunos. “Infelizmente é uma realidade. Falta sensibilidade e interesse de gestores em encarar esse problema de frente”, completa.

A atenção de professores e gestores deve vir desde cedo, mais especificamente a partir da Educação Infantil.

De acordo com a autora do livro “O Educador e o *Bullying* na Educação Infantil” e psicopedagoga Simone Carolo, a maioria dos estudos começa a tratar do *bullying* somente a partir do Ensino Fundamental, esquecendo que ele já ocorre desde a Educação Infantil.



As ações dos meninos são mais expansivas e agressivas, sendo mais fáceis de identificar. Eles chutam, gritam, empurram, batem.





“Crianças de quatro e cinco anos já o utilizam com intenção de machucar, agredir verbal e fisicamente, às vezes sem motivo aparente”, completa.

Devido às graves consequências que o *bullying* traz para a vítima, a psicopedagoga acredita que as escolas devem trabalhar esse fenômeno antes mesmo de seu aparecimento. “Acredito que, se o *bullying* for trabalhado desde a Educação Infantil, poderemos prevenir e amenizar a situação antes mesmo de o educando chegar ao Ensino Fundamental, através de ações concretas antibullying inseridas no projeto político-pedagógico da escola”, explica Simone.

Segundo ela, os professores necessitam de uma preparação para identificar e desenvolver ações que sejam capazes de acabar com o *bullying* em sala de aula. “O orientador educacional deve colaborar com o professor e com a família se for necessário, tomando providências para bani-lo das turmas de Educação Infantil, realizando intervenções como forma de prevenção para que não se expanda para o Ensino Fundamental”, completa.

Não é apenas o estudante que sofre *bullying*. Muitas vezes o professor também é alvo dessas agressões. Ele pode ser vítima de injúria ou difamação ou até mesmo agressão física, por parte de um ou mais alunos. Trata-se de uma situação que exige a reflexão sobre o convívio entre membros da comunidade escolar. Quando as agressões ocorrem, o assunto deve ser debatido em uma reunião com todos os educadores. Pode-se descobrir se a violência está acontecendo com outras pessoas da equipe para que haja uma intervenção no sentido de que sejam restabelecidas as noções de respeito. Ou, no caso de ser algo restrito apenas a um professor, pode ser necessário refletir sobre a relação entre o docente e o aluno ou a classe.

### **Bullying virtual ou cyberbullying**

Quando a violência ultrapassa as paredes da escola, ocorre o chamado *bullying* virtual ou o *cyberbullying*. Nesse caso, os meios eletrônicos são utilizados para veicular mensagens difamatórias ou ameaçadoras, que circulam através de *e-mails*, *sites*, *blogs* (os diários virtuais), redes sociais e celulares. É quase uma extensão do que dizem e fazem na escola, mas com o agravante de que as pessoas envolvidas não estão cara a cara. Dessa forma, o anonimato pode aumentar a crueldade dos comentários e das ameaças, e os efeitos podem ser tão graves ou piores.

Esse tormento causado pela agressão através da internet faz com que a criança ou o adolescente humilhado não se sintam mais seguros em lugar algum e em nenhum momento. Por se tratar de um recurso que camufla a identidade do sujeito, o reconhecimento do agressor pode ser dificultado. Porém, por outro lado, os recursos tecnológicos podem favorecer a

Imagem meramente ilustrativa - depositphotos



...as crianças ou adolescentes que sofrem *bullying* podem se tornar adultos com sentimentos negativos e com baixa autoestima.

cy

ber

bully

ing



...os meios eletrônicos são utilizados para veicular mensagens difamatórias ou ameaçadoras, que circulam através de *e-mails*, *sites*, *blogs* (os diários virtuais), *redes sociais* e *celulares*. (...) o anonimato pode aumentar a crueldade dos comentários e das ameaças, e os efeitos podem ser tão graves ou piores.

sua identificação, uma vez que oferecem o endereço das máquinas conectadas à rede.

Mesmo virtual, o *cyberbullying* precisa receber o mesmo cuidado preventivo do *bullying*, e a dimensão dos seus efeitos deve sempre ser abordada para se evitar a agressão na internet. Trabalhar com a ideia de que nem sempre se consegue tirar do ar aquilo que foi para a rede dá à turma a noção de como as piadas ou as provocações não são inofensivas.

### Como evitar o *bullying*?

Para que esse problema não tome proporções ainda maiores, o foco deve ser a prevenção. De acordo com o Dr.

Gustavo Teixeira, devem ser criados programas *antibullying* "e sua implementação nas escolas é a melhor saída para frear essa violência. Essa foi a intenção ao escrever o livro 'Manual Antibullying': oferecer um guia prático para os professores", explica.

A psicopedagoga Simone Carolo acredita que, para que isso aconteça, é de suma importância que o professor, a equipe pedagógica e a família se percebam como responsáveis pelo aprendizado escolar. "Que o educador se sinta capaz de transformar o meio educacional em ambiente prazeroso, onde partilhamos e passamos a maioria de nosso tempo; um lugar em que os nossos educandos possam crescer e se desenvolver da melhor maneira possível", afirma Simone.

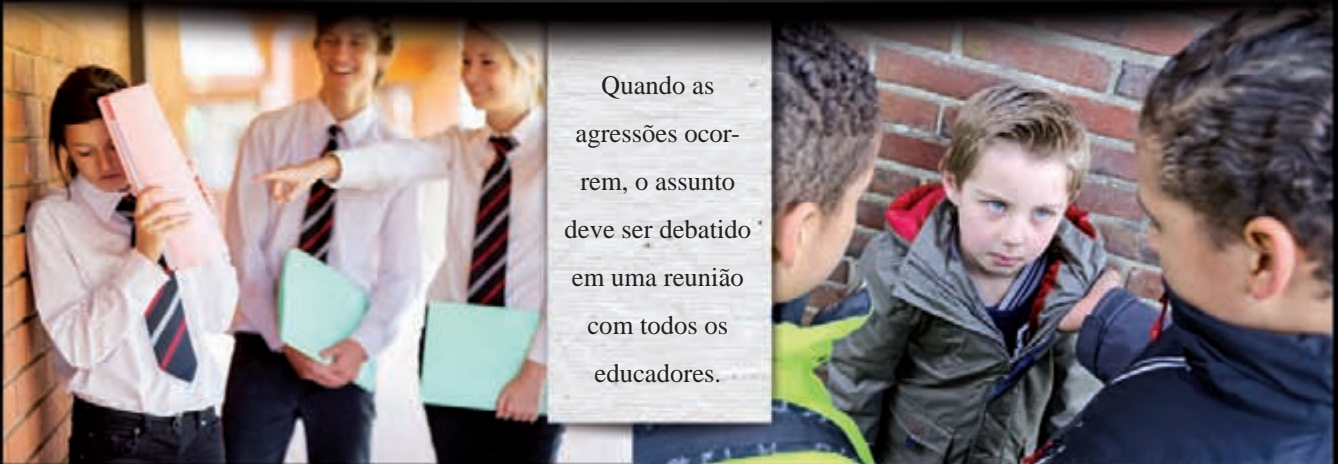


...o *bullying* é um grave problema presente nas escolas do mundo todo, "capaz de trazer consequências graves para o desenvolvimento psíquico de estudantes e para a formação de uma cultura pacifista, de conceitos éticos e de respeito entre todos"...



## A Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência (Abrapia) sugere as seguintes atitudes para um ambiente saudável na escola:

- Conversar com os alunos e escutar atentamente reclamações ou sugestões;
- Estimular os estudantes a informar os casos;
- Reconhecer e valorizar as atitudes da garotada no combate ao problema;
- Criar com os estudantes regras de disciplina para a classe em coerência com o regimento escolar;
- Estimular lideranças positivas entre os alunos, prevenindo futuros casos;
- Interferir diretamente nos grupos, o quanto antes, para quebrar a dinâmica do *bullying*;
- Incentivar a solidariedade, a generosidade e o respeito às diferenças por meio de conversas, campanhas de incentivo à paz e à tolerância, trabalhos didáticos, como atividades de cooperação e interpretação de diferentes papéis em um conflito;
- Desenvolver em sala de aula um ambiente favorável à comunicação entre alunos;
- Quando um estudante reclamar de algo ou denunciar o *bullying*, procurar imediatamente a direção da escola.



Os atos de *bullying* ferem princípios constitucionais – como o respeito à dignidade do ser humano – e contrariam o Código Civil, que determina que todo ato ilícito que cause dano a outrem gera o dever de indenizar. O responsável pelo ato de *bullying* pode também ser enquadrado no Código de Defesa do Consumidor, tendo em vista que as escolas prestam serviço aos consumidores e são responsáveis por atos de *bullying* que ocorram dentro do estabelecimento de ensino/trabalho.

Dr. Gustavo Teixeira é Professor visitante da *Bridgewater State University*; Mestre em Educação pela *Framingham State University* e autor do “Manual Antibullying” (Ed. Best Seller).

Contato: [www.comportamentoinfantil.com](http://www.comportamentoinfantil.com)

Simone Mota dos Santos Carolo é Professora, Pedagoga, Psicopedagoga e autora do livro “O Educador e o *Bullying*” na Educação Infantil.

Contato: [simone\\_carolo@ig.com.br](mailto:simone_carolo@ig.com.br)

Colaboração: Jéssica Almeida



# Jovem Salva Vidas

Appai e Hemorio se unem por uma boa causa

**S**egundo dados do Hemorio, apenas 1,8% da população brasileira doa sangue, quando seria necessário de 3 a 5% conforme recomenda a Organização Mundial de Saúde. A ausência de discussão da temática nas famílias e nos currículos escolares reforça o fato de que o desconhecimento e a presença de mitos e preconceitos se perpetuam de geração a geração, prejudicando o atendimento de pacientes que necessitam do sangue. Com intuito de melhorar esses números e conscientizar as pessoas, o Hemorio idealizou o *Programa Jovem Salva Vidas*, contando com parceiros como a Appai que, através do Programa de Projetos e Ações Sociais (PPAS), investe recursos para dar continuidade ao trabalho.

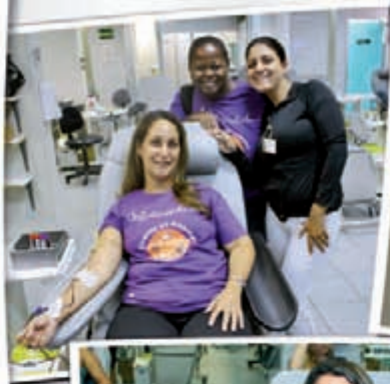
Criado em 1996, o Programa é uma iniciativa pioneira que busca criar vínculos com escolas, professores, estudantes, comunidades, lideranças sociais e respectivos familiares, para desenvolver ações educativas que colaborem para uma cultura de doação e transfusão de sangue, facilitando o esclarecimento de dúvidas e o desvendamento de mitos e temores acerca dessa questão, auxiliando também para a proteção da saúde, sensibilização do jovem para o bem social, socialização e troca de experiências bem-sucedidas, além do estímulo à doação de sangue para as futuras gerações.

Através do *Jovem Salva Vidas*, alunos de escolas públicas e privadas participam de ações de conscientização e volun-

Imagem ilustrativa depositphotos ©







A Appai, que apoia o Hemório desde 2010, também incentiva seus funcionários a participar das campanhas de doação de sangue

tariado com objetivo de divulgar o hábito da doação. Segundo dados do Programa, parte-se do pressuposto de que, quanto mais cedo crianças e adolescentes tiverem acesso a informações sobre o líquido precioso que corre em suas veias, mais oportunidades terão de compreender o significado do autocuidado e da proteção à saúde para doar sangue.

Desde a implantação do Programa, o Hemório atendeu 1.098 escolas (públicas e privadas), 4.777 educadores e 51.565 jovens, que tiveram a oportunidade de fazer pesquisas, realizar o Hemotur (Visita Institucional Guiada) e apresentar trabalhos em eventos científicos ou culturais sobre esse tema ou outros afins, tais como: transfusão, doenças transmissíveis pelo sangue, uso de drogas e riscos transfusionais, além de doenças hematológicas, como hemofilia, leucemias e doença falciforme.

A Appai, ao lado do Hemório desde 2010, mobiliza seus funcionários para doar sangue através de campanhas internas. E também investe em recursos para dar continuidade ao *Programa Jovem Salva Vidas*, concedendo lanches para os jovens participantes das oficinas de formação de multiplicadores. A responsável pelo PPAS, Simone Braga, afirma que a Appai apoia o Programa por entender que ele se destaca pela relevância das atividades locais, nas quais estes jovens estão inseridos. "Entendo que é através do trabalho com o educando que a sociedade ganha, fomentando a informação da qual emerge a cidadania, e o Hemório é o elo que incentiva e desenvolve a formação destes jovens cidadãos, de modo a levar solidariedade aos que precisam de um gesto como esse. Doação de sangue é doação de vida, e a cada vez temos a oportunidade de salvar no mínimo quatro vidas", explica Simone.

Lembrando que o Hemório recebe candidatos à doação, de segunda a domingo, entre 7 e 18h, incluindo feriados. E destina-se a todo cidadão entre 18 e 65 anos que esteja em boas condições de saúde e deseje doar sangue. Para participar, o candidato deve levar documento oficial com foto. Para mais informações, acesse [www.hemorio.rj.gov.br/](http://www.hemorio.rj.gov.br/).

Colaboração: Jéssica Almeida

Hemório  
Rua Frei Caneca, 8 – Centro – Rio de Janeiro/RJ  
CEP: 20211-030  
Tel.: (21) 2332-8611  
E-mail: [jovem.salvavidas@hemorio.rj.gov.br](mailto:jovem.salvavidas@hemorio.rj.gov.br)  
Fotos cedidas pelo Hemório





Colégio Estadual Joaquim Leitão

# Família:



# Família na Escola

Projeto reúne bases essenciais na vida do aluno

Sabemos que o desempenho escolar de cada aluno não depende apenas do seu rendimento em sala de aula e da competência de seus professores, mas também do apoio familiar. Com isso, docentes de Geografia, História, Ensino Religioso, Filosofia e Sociologia do Colégio Estadual Joaquim Leitão, localizado no município de Magé, idealizaram o projeto *Família na escola*, que reuniu cerca de 500 pessoas, entre alunos de todas as turmas, professores, pais e responsáveis.

Segundo o diretor Rodrigo da Silva Magalhães, a ideia surgiu a partir da necessidade de promover a aproximação entre os responsáveis dos alunos e o colégio. Realizado pela segunda vez (a outra foi em 2010), o evento desse ano teve como tema "Família: berço dos valores humanos". E contou com encenações que retrataram o cotidiano de uma família desregrada e com valores invertidos. Houve debates sobre a desestruturação familiar e suas conseqüentes causas. Também aconteceram apresentações musicais com a participação das equipes das oficinas de cordas e canto coral do Programa Mais Educação.

A peça teatral era interativa, com os espectadores se locomovendo de sala em sala acompanhando uma sequência de cenas montadas nesses espaços. Em cada etapa, num total de cinco, acontecia uma cena que tinha continuidade na sala seguinte. "Ao final da peça os espectadores participaram de um debate sobre o conteúdo apresen-





tado a fim de avaliar a própria conduta no seio familiar em relação aos filhos e cônjuge”, explica o diretor. O objetivo do espetáculo era impactar positivamente nas relações domésticas, “agregando valores necessários a uma sociedade mais ajustada”, completa Rodrigo.

As apresentações musicais foram feitas em um palco, localizado no pátio do colégio, e abordaram canções cuja temática era a família. O aluno Rafael Bento, do 2º ano do Ensino Médio, conta que o projeto foi muito interessante, pois “uniu mais as famílias e serviu como lição para se ouvir mais os pais e valorizá-los”, explica. Já Rosineida Valadão de Oliveira, mãe do estudante do 1º ano do Ensino Médio Israel Filipe Valadão de Oliveira, conta que gostou de tudo. “O evento foi muito bem elaborado. Acredito que o objetivo tenha sido alcançado e deve ter ajudado a muitos em seu cotidiano”, afirma.

A professora de Língua Portuguesa Roselaine Vieira da Veiga, que é mãe de uma aluna do 1º ano, afirma que muitos pais e responsáveis tiveram a oportunidade de visitar e conhecer a escola. “Foi uma atividade que envolveu a comunidade de um modo geral e trouxe muitas reflexões”, completa. E, segundo o diretor, o projeto já começa a dar resultados em sala de aula e até mesmo em casa. “Alguns alunos relataram que seus pais estão mais abertos ao diálogo e às questões escolares, se interessando mais pelas mesmas”.

Colaboração: Jéssica Almeida



Através de apresentações musicais e teatrais os estudantes abordaram a temática familiar, o que serviu como reflexão para pais, alunos e docentes



Colégio Estadual Joaquim Leitão  
Rua Waldemar Lima Teixeira, s/nº – Santo  
Aleixo – Magé/RJ  
CEP: 25920-000  
Tel.: (21) 2630-0131  
E-mail: cejoaquimleitao@educacao.rj.gov.br  
Diretor: Rodrigo da Silva Magalhães  
Fotos cedidas pela escola







Revista Appai Educar



Médico Ambulatorial Básico



Seguro de Vida em Grupo

# BENEFÍCIOS

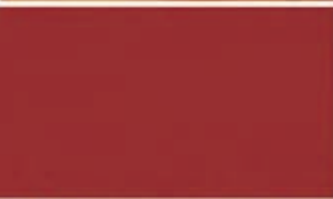


Dança de Salão



Caminhadas e Corridas

CAMINHADAS E CORRIDAS



Jurídico



Seguro para Cobertura de Algumas Doenças Graves



Assistência Flex Domiciliar



Assistência Funeral



Educação Continuada



Odontológico Ambulatorial Básico



Serviço Social



appai  
appai.org.br